



Convergência

Dezembro • 2018 • ANO LIII

517

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil - CRB
ISSN 0010 - 8162





Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad
Editor: Irmão Lauro Daros, fms
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Pe. Ângelo Mezzari, rcj
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jaldemir Vitório, sj
Irmã Nivalda Milak, fdz

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes
Diagramação: Dulciene Luzia Almeida
Revisão: Irmão Lauro Daros, fms
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
E-mail: crb@cbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73





Sumário

Editorial

NATAL...FONTE DE ESPERANÇA 5

Mensagem do papa

NOITE DO NATAL DO SENHOR 8

Mensagem de Natal

NATAL E VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA 11

Mártires/Santos

JOÃO LUIZ POZZOBON - UM SANTO COM
ROSTO MARIANO - *Pe. Vandemir Josué Meister* 17

Informes

PACARAIMA: INDIGNAÇÃO E SOLIDARIEDADE 22
Comissão Episcopal para Amazônia

CONGREGATIO PROGENTIU EVANGELIZATION 1 24

CONGREGATIO PROGENTIU EVANGELIZATION 2 27
Cardeal Fernando Filoni

EXPERIÊNCIA DE INSERÇÃO MISSIONÁRIA NA
PRELAZIA DO MARAJÓ/PA 31
Irmã Ana Marta da Silva

CARTA DE SOLIDARIEDADE E APOIO AO
PAPA FRANCISCO 34
Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro

Artigos

IANUA COELI - “PORTA DO CÉU” 36
Padre Carlo Battistoni





AS IMPLICAÇÕES DA MODERNIDADE LÍQUIDA NA PASTORAL UNIVERSITÁRIA: FAZER PASTORAL EM TEMPOS LÍQUIDOS <i>Uatos Pires Pereira e Solange Maria do Carmo</i>	45
A VIDA CONSAGRADA E O CONTEXTO ATUAL <i>Vinicius Augusto Ribeiro Teixeira</i>	57
REFLEXÕES SOBRE AS DIFICULDADES DE RELACIONAMENTO INTERPESSOAL EM COMUNIDADES RELIGIOSAS DE VIDA CONSAGRADA A PARTIR DA ABORDAGEM SISTÊMICA <i>Padre Cleber Willian Lopes Pombal</i>	66





NATAL... FONTE DE ESPERANÇA!

Papa Francisco, na Mensagem de Natal, expressa: “Maria deu à luz, Maria deu-nos a Luz. “Completaram-se os dias de [Maria] dar à luz e teve o seu filho primogênito, que envolveu em panos e recostou numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria” (Lc 2, 6-7). Uma narração simples para nos entranhar no acontecimento que muda para sempre a nossa história. Tudo, naquela noite, se tornava fonte de esperança”.

Em seguida, Pe. Alfredo, na Mensagem de Natal à VRC, cita Jo, 1, 14: “O Verbo se fez carne e armou uma tenda entre nós”. E o autor reflete: “A Palavra se faz carne, para que a carne possa descobrir o espírito que nela habita. O Filho se faz homem, para que o ser humano possa desenvolver seu lado divino. Deus desce do céu à terra, para que nós possamos elevar-nos da terra ao céu. Jesus se faz servidor, para que todo ser humano possa ser livre”.

A seção Mártires/Santos traz “João Luiz Pozzobon - Um santo com rosto mariano”. Pe. Vandemir, autor da biografia, narra que “quando passava pela rua carregando a imagem, os incomodados chamavam-no de “burrinho”. Assim, ele jocosamente aceitou tal denominação, chamando-se a si mesmo de ‘o burrinho de Maria’. Foi ele que levou Maria para Belém, foi ele que levou Maria na fuga para o Egito. Esse burrinho teve uma verdadeira honra de carregar Maria. Assim, comparava-se também o Sr. João. Seu amor era incomensurável à Nossa Senhora, a quem ele chamou de sua terceira esposa”.

A seção Informe incia-se com Nota da CNBB – Comissão Episcopal para a Amazônia, em solidariedade às mulheres, homens e crianças, refugiados venezuelanos, devido aos violentos atos ocorridos no dia 18 de agosto em Pacaraima, Roraima. Declaram os bispos: “Lembramos que os refugiados pertencem a povos da Amazônia e merecem respeito à sua dignidade e aos Direitos Humanos. Dizemos BASTA ao ódio e SIM à acolhida fraterna”.





Outubro de 2019 será o Mês Extraordinário Missionário, para celebrar o centésimo aniversário da Carta Apostólica *Maximum Illud* do Papa Bento XVI. A Convergência anterior, novembro, publicou a Carta do papa Francisco por ocasião da promulgação da Carta Apostólica “*Maximum Illud*”, endereçada ao Cardeal Fernando Filoni, Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos. Agora, publicam-se duas cartas do Cardeal Fernando Filoni, uma dirigida aos Irmãos no Episcopado, e outra aos Irmãos e Irmãs, Superiores e Superiores Gerais dos Institutos e Sociedades de Vida Apostólica. As Cartas oferecem orientações antecipadas sobre a organização do Mês Extraordinário Missionário, em 2019.

Irmã Ana Marta da Silva relata sua experiência de inserção missionária na Prelazia do Marajó/PA, que aconteceu de 14 a 29 de julho de 2018, na IV Missão da Vida Religiosa Jovem na Amazônia. O evento foi organizado pelo Setor Juventudes e Novas Gerações da CRB Nacional, coordenado pela Irmã Clotilde Prates de Azevedo, IA. Escreve a Irmã Ana Marta: “Somos chamados/as a sairmos de nós mesmos/as todos os dias e buscar novos caminhos e novas realidades. Agradeço à minha congregação das Filhas da Caridade Canossianas e à CRB por eu ter sido contemplada para esta missão, um tempo marcado pela experiência da intercongregacionalidade e da fraternidade”.

A CRB manifesta solidariedade e total apoio ao papa Francisco, diante dos inúmeros ataques promovidos dentro e fora da Igreja contra o seu magistério e sua pessoa. Termina assim a Carta: “Conte com as orações diárias dos Religiosos e Religiosas do Brasil e continue a ser para nós sinal da alegria do Evangelho e farol de esperança num mundo turbulento. Que Deus derrame abundantes bênçãos sobre sua vida e magistério. Que Maria, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, proteja a sua e nossa santa e pecadora Igreja”.

O Artigo Natalino denomina-se *Ianua Coeli* – “Porta do Céu”, texto do Padre Carlo Battistoni. O autor deseja que esta reflexão sobre Maria possa nos ajudar a penetrar um pouco mais o coração de Nossa Senhora. Conclui-se o texto com este belo parágrafo: “Ela é serva porque ‘sabe’ o que Deus sente, se envolve, arrisca! Mas também sabe do que nós precisamos. Como é absurda a expressão que alguns, desinformados, atribuem a Maria: ‘Eis a escrava do Senhor’! O amor é envolvente, se abre, permite a Deus agir com liberdade e assim Deus pode realizar coisas maravilhosas, como tornar-se um de nós para que nos tornemos o que Ele é. É a vocação da vida consagrada. É o mistério do Natal, é





o mistério do amor que se abre como uma porta e transfere o homem no mundo de Deus e Deus no mundo dos homens”.

O artigo seguinte aborda as implicações da Modernidade Líquida na Pastoral Universitária (PU). Artigo resultante do trabalho de pesquisa do aluno de graduação em teologia Uatos Pires Pereira, sob a orientação da professora Dr^a Solange Maria do Carmo, financiado pela FAPEMIG. “A modernidade líquida é o *sitz im leben* (contexto vital) no qual se desenvolve a PU, assim como toda pastoral da Igreja hoje. O reconhecimento dessa realidade é fundamental para se traçarem novos projetos de evangelização, que devem ser enraizados na prática existencial. Olhar o passado com saudosismo não ajuda na difusão do evangelho. Assumir o tempo presente, com suas alegrias e esperanças, tristezas e angústias, é condição para uma ação pastoral eficaz”.

“A Vida Consagrada e o contexto atual” é artigo do Pe. Vinícius. Informa o autor: “Nesta breve abordagem, lançaremos um olhar sobre o contexto sócio-cultural do mundo contemporâneo (1), considerando algumas nuances que desafiam e interpelam a fé cristã (2) e a Vida Consagrada (3). Como seguidores de Jesus Cristo, somos chamados a viver e testemunhar os valores e as exigências do Evangelho precisamente nesta hora histórica de tantos riscos e possibilidades”.

Por fim, Pe. Cleber oferece “Reflexões sobre as dificuldades de relacionamento interpessoal em comunidades religiosas de Vida Consagrada a partir da Abordagem Sistêmica”. Nesta abordagem, “o sistema familiar deve ser entendido na sua globalidade, nunca se deve ignorar que tudo está relacionado, faz parte das relações e das inter-relações; portanto, o problema apresentado por um só membro da família (subsistema) irá afetar todo o sistema (família); assim, é necessária a escuta atenta de todos os envolvidos no sistema (RAMOS, 2013). De igual maneira acontece na comunidade de VRC: qualquer alteração de contexto implica a readaptação de todos os membros: as transferências, as novas missões, fechamento de casas, doenças, dentre outros, afetam diretamente todo o grupo, e nestas mudanças vão ser criados novos relacionamentos interpessoais”.

A vocês, queridos leitores e queridas leitoras da Convergências, gratidão da CRB Nacional por prestigiarem os textos da nossa querida Revista. Feliz Natal, recebam luz e energia de Cristo neste tempo feliz de Advento e de Ano Novo.

Irmão Lauro Daros, marista





NOITE DO NATAL DO SENHOR

PAPA FRANCISCO¹

“Completaram-se os dias de [Maria] dar à luz e teve o seu filho primogênito, que envolveu em panos e recostou numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria” (Lc 2, 6-7). Com esta afirmação simples, mas clara, Lucas leva-nos ao coração daquela noite santa: Maria deu *à luz*, Maria deu-nos *a Luz*. Uma narração simples para nos entranhar no acontecimento que muda para sempre a nossa história. Tudo, naquela noite, se tornava fonte de esperança.

Mas recuemos alguns versículos. . . Por decreto do imperador, Maria e José viram-se obrigados a partir. Tiveram de deixar os parentes, a sua casa, a sua terra e pôr-se a caminho para se recensearem. Uma viagem nada confortável nem fácil para um casal jovem que estava para ter um bebé: viram-se forçados a deixar a sua terra. No coração, transbordavam de esperança e de futuro por causa do filho que chegava; mas sentiam os passos carregados com as incertezas e perigos próprios de quem tem de deixar a sua casa.

E em seguida tocou-lhes enfrentar a coisa talvez mais difícil: chegar a Belém e sentir que era uma terra que não os esperava, uma terra onde não havia lugar para eles.

Mas foi precisamente lá, naquela realidade que se revelava um desafio, que Maria nos presenteou com o Emanuel. O Filho de Deus teve de nascer num curral, porque os seus não tinham espaço para Ele. “Veio

¹ Disponível em: <http://w2.vaticano.va>. Acesso em 2018.





para o que era seu, e os seus não O receberam” (Jo 1, 11). E lá, no meio da escuridão duma cidade que não tem espaço nem lugar para o forasteiro que vem de longe, no meio da escuridão duma cidade toda em movimento que parecia querer, neste caso, edificar-se voltando as costas aos outros... precisamente lá acende-se a centelha revolucionária da ternura de Deus. Em Belém, criou-se uma pequena abertura para aqueles que perderam a terra, a pátria, os sonhos; mesmo para aqueles que sucumbiram à asfixia produzida por uma vida fechada.

Nos passos de José e Maria, escondem-se tantos passos. Vemos as pegadas de famílias inteiras que hoje são obrigadas a partir. Vemos as pegadas de milhões de pessoas que não escolhem partir, mas são obrigadas a separar-se dos seus entes queridos, são expulsas da sua terra. Em muitos casos, esta partida está carregada de esperança, carregada de futuro; mas, em tantos outros, a partida tem apenas um nome: sobrevivência. Sobreviver aos Herodes de turno, que, para impor o seu poder e aumentar as suas riquezas, não têm problema algum em derramar sangue inocente.

Maria e José, para quem não havia lugar, são os primeiros a abraçar Aquele que nos vem dar a todos o documento de cidadania; Aquele que, na sua pobreza e pequenez, denuncia e mostra que o verdadeiro poder e a autêntica liberdade são os que honram e socorrem a fragilidade do mais fraco.

Naquela noite, Aquele que não tinha um lugar para nascer é anunciado àqueles que não tinham lugar nas mesas e nas ruas da cidade. Os pastores são os primeiros destinatários desta Boa Notícia. Pelo seu trabalho, eram homens e mulheres que tinham de viver à margem da sociedade. As suas condições de vida, os lugares onde eram obrigados a permanecer, impediam-lhes de observar todas as prescrições rituais de purificação religiosa e, por isso, eram considerados impuros. Traía-os a sua pele, as suas roupas, o seu odor, o modo de falar, a origem. Neles tudo gerava desconfiança. Homens e mulheres de quem era preciso estar ao largo, recear; eram considerados pagãos entre os crentes, pecadores entre os justos e estrangeiros entre os cidadãos. A eles – pagãos, pecadores e estrangeiros – disse o anjo: “Não temais, pois anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo: Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor” (Lc 2, 10-11).

Eis a alegria que somos convidados a partilhar, celebrar e anunciar nesta noite. A alegria com que Deus, na sua infinita misericórdia, nos abraçou a nós, *pagãos, pecadores e estrangeiros*, e nos impele a fazer o mesmo.





A fé desta noite leva-nos a reconhecer Deus presente em todas as situações onde O julgamos ausente. Ele está no visitante indiscreto, muitas vezes irreconhecível, que caminha pelas nossas cidades, pelos nossos bairros, viajando nos nossos transportes públicos, batendo às nossas portas.

E esta mesma fé impele-nos a abrir espaço a uma nova imaginação social, não ter medo de experimentar novas formas de relacionamento onde ninguém deva sentir que não tem um lugar nesta terra. Natal é tempo para transformar a força do medo em força da caridade, em força para uma nova imaginação da caridade. A caridade que não se habitua à injustiça como se fosse algo natural, mas tem a coragem, no meio de tensões e conflitos, de se fazer “casa do pão”, terra de hospitalidade. Assim no-lo recordava São João Paulo II: “Não tenhais medo! Abri, antes, escancarai as portas a Cristo” (Homilia na Missa de início do Pontificado, 22/X/1978).

No Menino de Belém, Deus vem ao nosso encontro para nos tornar protagonistas da vida que nos rodeia. Oferece-Se para que O tomemos nos braços, para que O levantemos e abracemos; para que n’Ele não tenhamos medo de tomar nos braços, levantar e abraçar o sedento, o forasteiro, o nu, o doente, o recluso (cf. *Mt* 25, 35-36). “Não tenhais medo! Abri, antes, escancarai as portas a Cristo”. Neste Menino, Deus convida-nos a cuidar da esperança. Convida-nos a fazer-nos sentinelas para muitos que sucumbiram sob o peso da desolação, que deriva do fato de encontrar tantas portas fechadas. Neste Menino, Deus torna-nos protagonistas da sua hospitalidade.

Comovidos pelo jubiloso dom, Menino pequenino de Belém, pedimo-Vos que o vosso choro nos desperte da nossa indiferença, abra os olhos perante quem sofre. A vossa ternura desperte a nossa sensibilidade e nos faça sentir convidados a reconhecer-Vos em todos aqueles que chegam às nossas cidades, às nossas histórias, às nossas vidas. Que a vossa ternura revolucionária nos persuada a sentir-nos convidados a cuidar da esperança e da ternura do nosso povo.





NATAL E VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

PE. ALFREDO J. GONÇALVES, CS¹

Introdução

“O Verbo se fez carne e armou sua tenda entre nós” – com tais palavras o Quarto Evangelho resume o Mistério da Encarnação (Jo 1,14). As festividades do Natal, a cada ano, lembram e celebram esse grande mistério. Jesus “não se apegou à sua igualdade com Deus, pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo...” (Fl 2,6-7). A Palavra se faz carne, para que a carne possa descobrir o espírito que nela habita. O Filho se faz homem, para que o ser humano possa desenvolver seu lado divino. Deus desce do céu à terra, para que nós possamos elevar-nos da terra ao céu. Jesus se faz servidor, para que todo ser humano possa ser livre.

Em outras palavras, Deus irrompe no tecido da história para subverter os contravalores que a dirigem e sustentam. Entra pela porta dos fundos, para escancarar-nos a porta da frente do Reino de Deus. Com esta mensagem central de novos valores, o Senhor abre novas perspectivas ao rumo conturbado e contraditório dos acontecimentos. A Boa Nova de Jesus revela-se uma encruzilhada epocal decisiva, um corte no tempo que cria um “antes” e um “depois” – lugar real, concreto, e ao mesmo tempo teológico, verdadeira oficina onde se forjam alternativas inéditas para o destino da humanidade. A nova aliança resgata, ultrapassa e cumpre a antiga promessa.

¹ P. GONÇALVES Alfredo José. Endereço: Via Ulisse Seni 2, 00153 – Roma – Itália.





Para esta breve reflexão sobre o *Natal e a Vida Religiosa Consagrada* (VRC), proponho algumas considerações a partir de um texto do mesmo autor do Quarto Evangelho, extraído da Primeira Carta de João: “Aquilo que existia desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e o que nossas mãos tocaram – falamos da Palavra que é vida. Porque a vida se manifestou, nós a vimos, dela damos testemunho, e lhes anunciamos a vida eterna. Ela estava voltada para o Pai e se manifestou a nós. Isso que vimos e ouvimos nós agora o anunciamos a vocês, para que vocês estejam em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo” (1Jo 1,1-3).

A Boa Nova em quatro dimensões

João apresenta-nos o objetivo fundamental de sua missão, vale dizer, da missão dos apóstolos e dos discípulos de Jesus: anunciar e testemunhar. Trata-se de divulgar, não apenas com as palavras, mas sobretudo com as ações concretas, a Boa Nova do Evangelho. A mesma temática foi retomada pela V Assembleia Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe – com o tema *Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nossos povos n’Ele tenham vida* – realizada em maio de 2007. Para que os povos oprimidos do continente tenham vida no Senhor, “vida em plenitude”, não basta o anúncio. É preciso, além disso, que a palavra se torne carne: presença, olhar, ouvido, gesto, abraço, toque, solidariedade. O autor da carta exprime isso de uma forma que pode ilustrar a nossa missão de religiosos e religiosas, ou seja, de *discípulos/missionários*.

João escreve sobre aquilo que “vimos, ouvimos, tocamos e contemplamos”. Idêntico enfoque pode hoje ser dirigido a todos os membros da VRC: Em nossos países martirizados pela pobreza e pelas leis férreas do mercado; em nossas cidades povoadas por multidões solitárias, que correm atrás das novidades do consumo; em nossas dioceses, paróquias e institutos, não raro esvaziadas pela falta de fé e esperança, ou feridas por escândalos de alguns pastores; em nossas comunidades eclesiais e locais, onde às vezes se destila o veneno de olhares oblíquos, de palavras de duplo sentido e de um mutismo hermético e estéril – numa palavra, no cotidiano da VRC, o que *vimos, ouvimos, tocamos e contemplamos?*

O que vimos! Vimos cinzas, ruínas, escombros por toda parte. Vimos o medo e o desencanto, o desinteresse e a indiferença. Vimos apagar-se lentamente em nossos olhos o brilho do entusiasmo que





nos fez chegar até o presente. Vimos o pobre e indefeso sucumbir sob a prepotência do rico e poderoso. Mas a Carta de João nos propõe um novo olhar. É preciso ler e interpretar os passos do Mestre como “sinais dos tempos”, no sentido de que a semente do Evangelho já foi lançada na terra. Apesar do solo úmido e escuro – ou precisamente por isso – a semente começa e estender suas raízes. Logo romperá a crosta para erguer-se em direção ao sol, ao ar livre e ao azul do céu. “Uma luz brilha para o povo que andava nas trevas”, diz o profeta Isaías (Is. 9,1).

Em meio às cinzas, é possível encontrar algumas brasas para reacender a chama viva da vocação e da vida comunitária, da justiça e da defesa dos direitos diante dos mais necessitados. As ruínas, se e quando bem avaliadas, revelam pedras adequadas para reforçar o alicerce da reconstrução deste edifício que é a VRC, uma escolha simultaneamente mística e apostólica, caminho vertical e ao mesmo tempo horizontal. Os escombros, por sua vez, costumam ser ricos em objetos e recordações que, como o tesouro e a pérola do Evangelho, nos fazem valorizar o passado, apostando porém em alternativas para o futuro.

Faz-se necessário ver a realidade nua e crua, com seu lado negativo, sem dúvida. Mas o nosso ver de cristãos e religiosos vai além disso. Como a visão do profeta, além da denúncia, torna-se extremamente relevante o anúncio, isto é, avaliar as potencialidades positivas que se escondem sob a superfície dos fatos e sobretudo dos boatos.

É Natal: concentremos o olhar sobre o presépio. Aparentemente pobreza, abandono, rejeição. “Não havia lugar para eles dentro de casa” (Lc 2,7). Mas o nascimento do frágil Menino atrai os reis magos guiados pela estrela, une o canto dos anjos e dos pastores, faz tremer o tirano Herodes... A verdade oculta é mais poderosa e significativa que a cena que nossos olhos podem ver.

O que ouvimos! Ouvimos ruídos e rumores no campo e na cidade. Nos *mass media* e na *Internet*, a “sociedade do espetáculo” predomina sobre a objetividade das notícias. Por atacado ou varejo, vendem-se apelos, emoções e sensações no supermercado do consumismo. No palco iluminado do mundo urbano, por excelência, a vida cotidiana cede lugar aos fogos de artifício. Sobem com calor e velozmente, mas com a mesma velocidade explodem e caem frios sobre a terra. Tal correria frenética não poupa as comunidades religiosas. Ao contrário, parece fascinar e seduzir cada vez mais os candidatos que batem às portas de seminários e conventos.





Também, neste caso, João nos ensina outra forma de ouvir. Ouvir com o coração, com a mente, com a alma. Ouvir a Palavra e a vida. Ouvir como discípulos para tornar-se missionários. Isso requer um retorno radical ao hábito do silêncio. Não o mutismo, que não passa de um deserto porque recusa qualquer comunicação. Mas o silêncio povoado pela presença de Deus e por sua voz que só se manifesta quando somos capazes de calar, tanto interna como externamente. O silêncio diante de Deus, por sua vez, nutre e reforça o silêncio diante do outro: especialmente aquele que chora, geme, clama por justiça, direitos e paz. Por mais paradoxal que pareça, estar a sós com Deus nos faz encontrar tempo para estar com os coirmãos e com os pobres. Vale recordar que, antes do anúncio da Boa Nova, Jesus vive praticamente 30 anos de escuta. Se olharmos para as figuras de José, Maria e o Menino, a casa de Nazaré torna-se como que um laboratório do silêncio. Um silêncio rico, intenso, voltado para o projeto de Deus.

O que tocamos! Na última ceia, o discípulo amado toca e repousa no peito do Senhor. Sabe que Jesus, por sua vez, toca e se deixa tocar numerosas vezes. Seu toque cura várias doenças, cura a ferida do pecado e cura igualmente a falta de fé do apóstolo Tomé. O toque é uma linguagem sensível e solidária, mas também profunda e poderosa. Linguagem de quem muito ama ou de quem muito sofre. De quem está só e busca desesperadamente um olhar, um gesto, uma palavra, um ponto de apoio. Linguagem muda da mulher que sofria de fluxo de sangue. Ou também daquela que, com as próprias lágrimas, lavou-lhe e enxugou-lhe os pés. Ou ainda daquelas que, juntamente com José de Arimateia, prepararam o seu corpo para o sepultamento.

Talvez uma linguagem esquecida e banida de nossas comunidades religiosas. Nas comunidades eclesiais, onde o povo canta, celebra, dança e gesticula, as pessoas ainda se dão as mãos, se abraçam, batem palmas, se cumprimentam. O papa Francisco, de seu lado, repete com insistência a necessidade de jamais deixar de lado o costume sadio do “por favor”, “com licença”, “obrigado”, “bom dia ou boa noite” – palavras que soam como pequenos toques. Nada custam a quem os oferece e faz tanto bem a quem os recebe. O tempo de Natal, de resto, não constitui justamente um período onde essa forma de linguagem se faz mais presente!?

Não o toque forçado, evidentemente. Mas o toque livre, alegre e espontâneo. Quem sabe, em tantas comunidades, hoje marcadas pela ferrugem do tédio, o desamor e a falta de sentido, esteja fazendo falta esse fluído milagroso e lubrificador das relações humanas. O mesmo





pode ocorrer nas atividades ligadas à missão: quantos toques de ternura e carinho ajudaram a salvar crianças, jovens, idosos, pessoas em momentos de escuridão e desespero, casais em risco de separação. O perigo é passar do toque amigo, evangélico e libertador, ao toque nefasto e perverso, que faz do outro um objeto de uso e abuso.

O que contemplamos! Não basta ver, ouvir e tocar. Hoje, mais do que nunca, faz-se necessário aprender ou reaprender a contemplar. Voltamos aqui ao tema de saber interpretar os “sinais dos tempos” (Mt 16.1-4). Contemplar é saber organizar a própria vida para além das aparências, sempre enganosas e escorregadias. O que requer uma longa prática de oração e reflexão. Aqui Maria é nossa melhor companheira. Na narrativa da infância de Jesus, o evangelista Lucas repete por duas vezes que sua Mãe “conservava todos esses fatos, e meditava sobre eles em seu coração” (Lc 2,19.51). *Conservar e meditar!* Aprender a refletir sobre a história, pessoal ou coletiva, com o olhar da fé. Descobrir, por trás dos acontecimentos corriqueiros, as digitais dos dedos do Senhor, que tece o fio condutor dos acontecimentos. É esse, de resto, o modo como o Povo de Israel narra a sua trajetória através da escravidão, da libertação, do deserto, da Terra Prometida, do exílio, e assim por diante. Mas é também esse o modo como nossos fundadores ou fundadoras leram o contexto histórico em que viveram e, por isso mesmo, nos legaram um determinado carisma.

A tendência atual, particularmente no período das festas natalícias, com os apelos nutridos e estridentes do marketing, da propaganda e da publicidade, nos leva a passar a própria existência como quem surfa nas ondas de superfície. Temos medo de descobrir o que há sob a máscara do momento, temos medo do mergulho ao fundo de nós mesmos, temos medo das correntes subterrâneas que se cruzam e se entrelaçam em nosso coração indômito. A fuga do silêncio é o maior sintoma desse medo em descer ao mais íntimo de nossas entranhas. O silêncio, quando irrompe na vida pessoal ou comunitária, não raro acaba sendo rapidamente preenchido com o rumor da televisão, do rádio, do celular, do diz-que-diz, de um livro... E às vezes o que é grave, muito grave, com o rumor do próprio ato de rezar as “fórmulas” requeridas. Sim, rezar pode tornar-se uma forma de ruído que nos afasta do rosto de Deus.

Conclusão

A Primeira Carta de João nos ensina que os atos de ver, ouvir e tocar são revestidos com a graça que nos vem através da contemplação. Esta,





de fato, não é tempo subtraído à missão. Ao contrário, é tempo que a qualifica e enriquece. O povo em geral tem uma espécie de sexto sentido para reconhecer quando um religioso ou uma religiosa está longe de Deus. Quantas vezes ouvimos dizer que José, Maria ou Antônio eram “verdadeiros homens ou mulheres de Deus”! Para retornar aos termos do Documento de Aparecida, quanto mais um discípulo se dispõe a “perder tempo” para ouvir o Senhor no silêncio e na meditação, tanto mais será um missionário que desempenhará com sucesso a missão que lhe foi confiada. Sucesso, neste caso, deve ser entendido não como espetáculo de atividades quantitativas, e sim como uma presença que reflete a face luminosa do Pai. A qualidade da missão prevalece sobre o volume de assembleias, reuniões, compromissos, etc.

O inverso também é válido: quanto mais dedicação na missão junto aos pobres e necessitados, mais ricos e povoados serão seus momentos de oração e meditação. Longe de se oporem como polos opostos, missão e contemplação se exigem e se interpelam reciprocamente. E reciprocamente se enriquecem no círculo virtuoso de uma mística apostólica, ou de uma espiritualidade encarnada e comprometida com a transformação sócio-histórica.





JOÃO LUIZ POZZOBON - UM SANTO COM ROSTO MARIANO

PE. VANDEMIR JOZOÉ MEISTER¹

A santidade, um dom de Deus aspirado pelos homens, faz-se presente em todos os batizados, assim fala o papa Francisco, mas, alguns, pelo estilo de vida arrojado, a Igreja propõe como modelos para a toda a Igreja.

João Luiz Pozzobon, iniciador da Campanha da Mãe Peregrina, que hoje percorre milhares de famílias em mais de 140 países, está sendo elevado aos altares da Santidade. Seu processo já está encaminhado no Vaticano, sendo Servo de Deus. Neste momento estudam-se casos de possíveis milagres para ser conduzido ao pronunciamento de sua santidade, primeiramente como beato e posteriormente como santo.

João Luiz Pozzobon nasceu em 12 de dezembro de 1904, em Ribeirão, São João do Polêsine – RS. Filho de imigrantes italianos, Ferdinando e Augusta Pozzobon, aprendeu desde a infância a amar a Igreja e esforçar-se para viver os ensinamentos cristãos. De família italiana, com têmpera religiosa, rezava o terço diariamente. Nos campos da lavoura da “Quarta Colonia” desejava seguir a vida sacerdotal. Este sonho não perdeu por muito tempo, pois sua saúde não contribuía para permanecer no seminário seguindo o ritmo de vida imposto.

Frequentou somente os primeiros anos da escola, chamado na época de ‘primária’. Voltou para o trabalho no campo.

1 Pe.Vandemir Jozué Meister. ISch. Postulador da Causa de Beatificação





Ele sentia em seu interior o profundo anseio por algo que não conseguia definir. Comentava ele:

Eu tinha 12 anos e sentia uma espécie de saudade que não conseguia saciar. Em nossa terra havia uma colina, uma terra um pouco elevada, e eu olhava o horizonte, ali onde o céu parece tocar a terra, e parecia-me que, desse modo, preenchia o vazio que sentia... Essa saudade durou uns 36 anos.

Vamos ver mais à frente como Deus saciou esta saudade em seu interior! Buscou seguir a vida no exército, mas na primeira prova do tiro ao alvo foi desqualificado por deficiência visual. Retornou novamente ao trabalho do campo.

Um esposo de três mulheres

João casou-se com Theresa Turcato. Ela trabalhava em um hotel. Assim ele começou um novo trabalho dedicando-se à hotelaria em Restinga Seca. Após sua esposa estar agravada por uma enfermidade, mudaram-se para Santa Maria, local com maior possibilidade de tratamento médico para a esposa. Após breves anos locados em Santa Maria, faleceu sua esposa em consequência da tuberculose. João, com 2 filhos e todo seu patrimônio investido na busca de cura de sua esposa, partiu para outro lado da cidade, praticamente sem bens materiais. Começou morando de favores, logo conseguindo uma casa para sua família, onde deu início a um pequeno comércio, atendendo os ferroviários.

Casou-se novamente, com a Vitoria Filipetto, em 1933, tendo mais 5 filhos. Ele os chamava de suas “sete joias”.

Não pergunte se sou capaz, apenas dê-me a missão!

Dia 10 de setembro de 1950, ano em que a Igreja proclamou o dogma da Assunção de Maria ao céu, ele recebeu, no Santuário da Mãe Rainha, em Santa Maria/RS, a Imagem da Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt, sendo orientado para levar a Imagem a visitar as casas e rezar o terço. Ele fielmente começou este apostolado, mas acima de tudo ofereceu seu desprendimento e criatividade. Todos os dias fazia questão de ir em uma família para rezar o terço. Assim, começou ele com a Campanha da Mãe Peregrina visitando famílias, hospitais, escolas, presídios, fábricas, comércios, etc. Anos mais tarde





ele afirmava que foi a Campanha da Mãe Rainha que saciou aquela “Saúde” do seu tempo de infância, que durou mais de 36 anos.

Ele afirmava:

No Santuário da Mãe e Rainha aconteceu minha grande descoberta. A bondade e a misericórdia de Deus e da Virgem Mãe e Rainha me confiaram uma grandiosa missão evangelizadora: a Campanha do Santo Terço. Entendi a missão e, por ela, fiz minha entrega total.

Por sua consagração e entrega filial à Mãe e Rainha, Sr. João se tornou um verdadeiro missionário e apóstolo, sem descuidar em nada de sua própria família. Era sua convicção que

quando algo é de Deus, algo divino, um homem sozinho pode mover o mundo. Eu havia dito à Mãe e Rainha que pouco me importava mover o mundo inteiro, se descuidasse de minha família. Se isso acontecesse, não estaria fazendo nada... Porém, tudo foi bem. Quando Deus quer que se realize uma missão, uma pessoa pode cuidar de sua família, pode fazer tudo.

Um homem de dinamismo apostólico

Seu trabalho de evangelização foi totalmente comprometido com os da “periferia existencial”. Levando a Imagem da Mãe Peregrina, ele teve contato com as famílias mais carentes e distantes da Igreja. Suas visitas eram de verdadeira catequese, sendo com isso um caminho para trazer as pessoas novamente para dentro da Igreja buscando os sacramentos. Ademais, onde passava, fazia um levantamento referente à situação de catequese e sacramental, passando as informações ao correspondente pároco. Construiu três capelas naqueles lugares onde as pessoas se sentiam distantes do convívio social, sendo nelas escola e igreja. Estava preocupado com a formação das crianças e sua catequese. Fé e formação estão de braços dados. Percorrendo longas distâncias, percebeu que na mesma situação se encontravam muitos camponeses para chegar até a igreja mais próxima. Assim, construiu mais de 40 ermidas, locais onde mora uma família responsável e ali gesta-se também uma pequena vida eclesial, com possibilidade de missas, novenas, reza do rosário, celebração do dia da Aliança (dia 18 de cada mês).

Preocupado com as famílias que chegavam a Santa Maria em busca sustentação, ele construiu uma vila “Vila Nobre da Caridade” com mais de 12 pequenas casas, cada uma com o nome de uma flor, onde





acolhia essas famílias em transição. A família ficava na “Vila Nobre da Caridade” até poder, através de seus trabalhos, locar um imóvel. A mesma experiência João Pozzobon tinha passado alguns anos atrás, após a morte de sua primeira esposa.

Uma missão, também com incompreensão

O “Seu João”, como era conhecido, carregava uma imagem da Mãe Rainha e uma maleta totalizando mais de 13 quilos. Os anos fizeram com que o osso do seu ombro criasse um calo onde apoiava a imagem. Fazia geralmente a pé, pois o transporte na época não era comum como hoje.

Os santos muitas vezes são vistos como loucos. Loucos de amor por algo. Assim também foi com João. Muitos não compreendiam tanta dedicação de um pai de família. Encontravam desproporcionalidade e com isso levantavam críticas ao seu trabalho evangelizador. Essas provas foram degraus também para seu próprio amadurecimento. Quando passava pela rua carregando a imagem, os incomodados chamavam-no de “burrinho”. Assim, ele jocosamente aceitou tal denominação, chamando-se a si mesmo de ‘o burrinho de Maria’. Foi ele que levou Maria para Belém, foi ele que levou Maria na fuga para o Egito. Esse burrinho teve uma verdadeira honra de carregar Maria. Assim, comparava-se também o Sr. João. Seu amor era incomensurável à Nossa Senhora, a quem ele chamou de sua terceira esposa.

Um diácono comprovado no amor

Em 30 de dezembro de 1972, ele foi ordenado Diácono Permanente pela imposição das mãos de Dom Érico Ferrari, na Capela Nossa Senhora das Graças em Santa Maria.

Minha ordenação foi como uma flor que se abriu, uma grande alegria que se estendeu a todos os amigos. Senti-me penetrado, totalmente, pelo espírito da Santa Igreja. Senti a união como um só coração. Foi um verdadeiro Cenáculo, junto com a Mãe e Rainha. A hora do Espírito Santo.

Sentiu-se unido ao Fundador da Obra do Movimento Apostólico de Schoenstatt, Padre José Kentenich, do qual se considerava seu aluninho. No Movimento Apostólico ele se encontrou com sua vocação e missão.





Após 35 anos de total dedicação à Campanha da Mãe Peregrina de Schoenstatt, faleceu no dia 27 de junho de 1985. A caminho do Santuário da Mãe Rainha em Santa Maria, ao atravessar uma avenida, devido a um forte nevoeiro, foi atropelado por um caminhão.

Assim ele fez a sua última romaria, retornou ao Santuário Eterno e se realizaram suas palavras:

“Se um dia me encontrarem morto no caminho, saibam que eu morri de alegria!”





PACARAIMA: INDIGNAÇÃO E SOLIDARIEDADE¹

COMISSÃO EPISCOPAL PARA A AMAZÔNIA

“Era estrangeiro e tu me acolheste” (Mt 25, 35a)

Nós, 58 bispos e 27 demais representantes de Prelazias e Dioceses reunidos em Manaus (AM) de 20 a 23 de agosto no III Encontro da Igreja Católica da Amazônia Legal, convocados pela Comissão Episcopal para a Amazônia da CNBB para dialogar sobre o Sínodo Especial para Amazônia, tomamos conhecimento dos violentos atos ocorridos no dia 18 de agosto em Pacaraima, Roraima. Inspirados pelo Evangelho de Jesus Cristo, tornamos pública nossa indignação com a intolerância manifestada contra as mulheres, homens e crianças, refugiados venezuelanos. Já o profeta Zacarias nos adverte: *“não oprimam a viúva e o órfão, nem o estrangeiro e o necessitado.”* (Zc 7, 10)

Expressamos nossa solidariedade com as famílias que sofreram a violenta expulsão do Brasil e nos edificamos com as pessoas, instituições e comunidades católicas que acolhem e protegem nossos irmãos e irmãs migrantes.

Reconhecemos que a situação é crítica, principalmente pela ausência de uma ação integrada e eficaz das esferas municipais, estadual e federal do Estado Brasileiro, que assegure a acolhida humanitária aos refugiados. Insistimos que o governo da Venezuela supere as causas geradoras desse deslocamento forçado.

¹ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB.





Lembramos que os refugiados pertencem a povos da Amazônia e merecem respeito à sua dignidade e aos Direitos Humanos. Dizemos BASTA ao ódio e SIM à acolhida fraterna.

Que a Virgem de Nazaré, Rainha da Amazônia, interceda pelos povos da Amazônia para que o Espírito de Deus nos indique os caminhos de vivermos como irmãos e irmãs.

Manaus (AM), 23 de agosto de 2018.

Bispos católicos da Amazônia Legal e demais representantes participantes no III Encontro

Cardeal Dom Cláudio Hummes

Presidente da Comissão Episcopal para Amazônia da CNBB e
Presidente da REPAM – Rede Eclesial Pan-Amazônica





CONGREGATIO PRO GENTIUM EVANGELIZATIONE

PROTOCOLO N° 4364/17 - CIDADE DO VATICANO,
8 DE ABRIL DE 2018, DOMINGO DA OITAVA DA PÁSCOA

CARDEAL FERNANDO FILONI, PREFEITO

Emmos. e Exmos. Ordinários!

Queridos Irmãos no Episcopado!

A paz do Senhor Ressuscitado seja a nossa esperança!

Em continuidade com a minha carta anterior, exatamente do dia 3 de dezembro de 2017, escrevo-vos novamente sobre a iniciativa missionária que o Santo Padre Francisco anunciou para toda a Igreja no domingo, 22 de outubro de 2017. O Mês Extraordinário Missionário de outubro de 2019 representa uma oportunidade única para todos nós: a celebração do centésimo aniversário da Carta Apostólica *Maximum Illud* do Papa Bento XV ajuda-nos a reaviver o ardor e a paixão pela missão de Jesus. Renovar evangelicamente a missão, como pedia o Papa Bento XV, já no longínquo 30 de novembro de 1919, revela-se ainda hoje de grande reverência e atualidade se olharmos para a condição do mundo e da Igreja.

A finalidade espiritual, pastoral e teológica deste extraordinário mês missionário consiste em reconhecer, viver e convencer-nos de que a missão é e deve tornar-se cada vez mais o paradigma da vida e obra de toda a Igreja e, portanto, de todo cristão. Ao converter os nossos corações e as nossas mentes de discípulos missionários, o Espírito nos





impulsiona a sair rumo ao mundo para anunciar Cristo crucificado e ressuscitado. Fazer retornar a *missio ad gentes*, nas suas diversas formas, ao centro da vida da Igreja, reconhecer a missão de Jesus como coração e identidade da Igreja, faz-nos redescobrir a relação genuína e desafiadora que Deus tece com o mundo que Ela amou, criou e redimiu (Veja Jo 17, Ef1).

O Santo Padre Francisco já nos comunicou o tema para outubro de 2019: **Batizados e Enviados: A Igreja de Cristo em Missão no Mundo.**

A oração, a reflexão e a ação ajudar-nos-ão a viver o Extraordinário nesta dimensão. De fato: “Nós, com o Batismo, fomos imergidos naquela fonte inesgotável de vida que é a morte de Jesus, o maior ato de amor de toda a história; e graças a este amor podemos viver uma vida nova, já não à mercê do mal, do pecado e da morte, mas na comunhão com Deus e com os Irmãos”¹ Somos convidados a confirmar a nossa identidade batismal como um encontro pessoal com Jesus Cristo vivo: Ele envia-nos para sermos suas testemunhas no mundo.

De fato, a missão da Igreja prolonga a missão que Jesus recebeu do Pai no Espírito. Ao proclamar Jesus Cristo na Palavra e no Sacramento, a missão da Igreja responde à sede de vida autêntica e de significado, que se encontra no coração de cada mulher e de cada homem. Oferecer aos homens deste mundo o batismo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo (cf. Mt 28,19) e com eles partilhar o pão da Eucaristia significa dar a vida de Deus que nos salva do mal e da morte (Veja Jo 6,48-51; 10.10). Na água e no Espírito, o sangue de Cristo (cf. 1Jo 5,1-13) redune-nos, dá-nos a fé e nos oferece ao mundo para a salvação. Aos pobres, a nós, prisioneiros do pecado, é verdadeiramente anunciada a graça que liberta e salva (cf. Lc 4, 14-22). Nada e ninguém é excluído do amor misericordioso de Deus que nos envia em missão para nos atrair a si.

Agradecemos ao Santo Padre Francisco por nos querer orientar, com o tema que nos foi confiado, no caminho para o Extraordinário Mês Missionário de outubro de 2019. Nesta perspectiva, gostaria, em espírito de comunhão fraterna entre as Igrejas particulares servidas pelo seu ministério de Pastor Universal, de sugerir algumas iniciativas para a celebração deste importante evento eclesial. Tenho a consciência de que o estou a fazer com bastante antecedência, mas creio que é a única maneira, para permitir que toda Igreja, juntamente com os seus Pastores, já possa começar a refletir

1 Papa Francisco, Audiência Geral, Quarta-feira, 8 de janeiro de 2014.





sobre como viver este Extraordinário Mês Missionário. O que propomos aqui, como Congregação para a Evangelização dos Povos e Pontifícias Obras Missionárias, pretende ser simplesmente inspiração à criatividade das Igrejas locais a vós confiadas portanto, estas não são sugestões exaustivas, mas alguns exemplos, que possam facilitar a celebração a nível local, que depois acompanhará aquela universal.

1. Organizar uma celebração diocesana ou nacional para a Abertura do Extraordinário Mês Missionário de outubro de 2019.
2. Celebrar a Vigília Missionária como tema proposto pelo Santo Padre.
3. Propor uma celebração eucarística em nível diocesano para o domingo do Dia Missionário Mundial.
4. Propor que pequenos grupos de pessoas ou famílias se reúnam pelas casas para rezar o Santo Rosário com intenções missionárias, inspirados na intuição original da Venerável Pauline Jaricot, fundadora da Pontifícia Obra Missionária da Propagação da Fé.
5. Promover uma peregrinação mariana ou a um santuário, memória de santos ou mártires da missão.
6. Promover coleções de ofertas e doações econômicas para apoiar o trabalho apostólico *missio ad gentes* e a formação missionária.
7. Propor aos jovens uma atividade pública de anúncio do Evangelho.
8. Organizar uma celebração diocesana ou nacional para o Encerramento do Extraordinário Mês Missionário de outubro de 2019.

As propostas que aqui sugerimos encontram nos Diretores Nacionais e Diocesanos das Pontifícias Obras Missionárias, também presentes nas vossas Igrejas locais, uma oportunidade de colaboração para pensar e trabalhar em conjunto. Graças a eles, estamos recolhendo importantes reflexões para a publicação de um subsídio que estará disponível eletronicamente antes do fim deste ano. O subsídio, único no seu estilo, é fruto da fé de muitos cristãos vindos das Igrejas locais do mundo inteiro. Agradeço calorosamente a todos que contribuem e estão a ajudar-nos neste importante trabalho de animação missionária.





CONGREGATIO PRO GENTIUM EVANGELIZATIONE

PROTOCOLO Nº 4364/17

CARDEAL FERNANDO FILONI, PREFEITO

Cidade do Vaticano, 3 de dezembro de 2017
São Francisco Xavier

*Caros Irmãos e Irmãs, Superiores e Superiores Gerais,
Instituto de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica.*

Aceitando o convite endereçado a mim pelo Santo Padre na carta de 22 de outubro de 2017, gostaria de partilhar convosco e com as vossas comunidades algumas reflexões e propostas sobre a celebração do Extraordinário Mês Missionário em outubro de 2019.

Ao centro desta iniciativa, que envolve a Igreja Universal, estarão a **oração**, o **testemunho** e a **reflexão** sobre a centralidade da *missio ad gentes* como um estado permanente de envio para a primeira evangelização (Mt 28:19). O compromisso para uma conversão pessoal e comunitária a Jesus Cristo crucificado, ressuscitado e vivo na sua Igreja renovará o ardor e a paixão para dar testemunho, com o anúncio e com a vida cristã, do Evangelho da vida e da alegria pascal (Lc 24, 46-49).

A missão da Igreja em contextos humanos, religiosos e culturais ainda não permeada pelo Evangelho, implica que a transmissão da fé crie estilos de vida pessoais, culturais e modalidades de convivência social,





forjados na alegria evangélica e valores cristãos. A fé cristã exprime-se como uma missão autêntica, quando está totalmente comprometida com a salvação do mundo. O testemunho da caridade, o compromisso pela paz e pela justiça, o diálogo intercultural com as tradições religiosas em pleno respeito da vida humana e da sua dignidade, especialmente dos mais pobres, estruturam a missão da Igreja ao redor do anúncio da Páscoa de Jesus Cristo.

A *missio ad gentes*, como indicado na *Evangelii Gaudium* enquanto paradigma de toda a obra pastoral da Igreja (EG 15), é o que papa Francisco nos pede para colocar no centro da comemoração do 100º aniversário da Carta Apostólica *Maximum Illud*, do seu predecessor papa Bento XV (30 de novembro de 1919). Trata-se de “colocar a missão de Jesus no coração da própria Igreja, transformando-a em critério para medir a eficácia das estruturas, os resultados do trabalho, a fecundidade dos seus ministros e a alegria que são capazes de suscitar. Porque, sem alegria, não se atrai ninguém”.¹

O Santo Padre indicou quatro dimensões² como forma para prepararmos e vivermos o Mês Missionário Extraordinário de outubro de 2019 de maneira que se possa ultrapassar as divisões e contraposições entre a pastoral ordinária e a missão, entre os desafios para a evangelização nos contextos dos países de antiga tradição cristã, hoje indiferentes e secularizados e *missio ad gentes* onde culturas e religiões ainda se afirmam estranhas ao Evangelho (EG 14). Essas dimensões são:

O encontro pessoal com Jesus Cristo vivo na sua Igreja: Eucaristia, Palavra de Deus, oração pessoal e comunitária.

Testemunho: os santos, os mártires da missão e os confessores da fé, que são expressão das Igrejas espalhadas por todo o mundo.

Formação: bíblica, catequética, espiritual e teológica sobre a *missio ad gentes*.

Caridade missionária como ajuda material para o imenso trabalho de evangelização, da *missio ad gentes* e da formação cristã das Igrejas mais necessitadas.

Sugiro que as vossas comunidades, de acordo com o respectivo carisma, determinem, nas formas mais apropriadas e convenientes, como

- 1 Papa Francisco, Incontro con il Comitato Direttivo del CELAM, Nunziatura Apostolica a Bogotá, giovedì 7 settembre 2017.
- 2 Papa Francisco, Discorso ai Direttori Nazionali delle Pontificie Opere Missionarie, riuniti in Assemblea Generale, Città del Vaticano, sabato 3 giugno 2017.





viver e deixar-se moldar por estas dimensões, para dar vida assim a uma renovada conversão à missão de Jesus.

Neste tempo de preparação remota, proponho que as comunidades contemplativas monásticas e de clausura se empenhem na oração e na reflexão para que possam ajudar as Igrejas particulares, os fiéis e os pastores no seu compromisso de conversão e da missão. No meio do caminho, vós, irmãos e irmãs, graças à radicalidade batismal das vossas vocações contemplativas, sois um sinal efetivo de que cada homem pertence filialmente a Deus. Vivendo na vida ordinária cotidiana dos vossos mosteiros e comunidades, atuais o essencial cristão que representa o coração da missão, de cada anúncio e testemunho evangélico. Devemos nos referir aos nossos irmãos monges e imãs de clausura para que tudo, a humanidade e o mundo, possa ser transfigurado na missão de Cristo e da sua Igreja, para a glória de Deus Pai.

As Pontifícias Obras Missionárias (POM), juntamente com esta congregação para a Evangelização dos Povos, estão diretamente envolvidas no trabalho de preparação e implementação do Mês Missionário Extraordinário. Os diretores nacionais e diocesanos das POM presentes e ativos nas Igrejas particulares são convidados a trabalhar todos juntos para que esta iniciativa proposta pelo Santo Padre possa servir para renovar a paixão pelo Evangelho, o zelo e o ardor missionário das nossas Igrejas. Achei oportuno pedir à Secretaria da União Internacional da Pontifícia União Missionária (PUM) que coordenasse as atividades de preparação, formação e realização do Mês Missionário Extraordinário. Além disso, em colaboração com nossa Pontifícia Universidade Urbanaiana, estamos pensando organizar momentos de reflexão e formação teológico-missiológica em nível internacional e continental.

Mais tarde, serão dadas algumas sugestões e indicações com textos e reflexões que, como resultado de uma ampla consulta de cristãos de todo o mundo, servirão como inspiração, estímulo e sugestão para a criatividade das Igrejas particulares. A devido tempo, também se informará sobre celebrações presididas pelo Santo Padre, propostas como eventos da Igreja Universal que envolverão diretamente a Igreja que vive em Roma.

Por último, peço-vos que indiqueis figuras de testemunhos missionários, filhos e filhas dos vossos Institutos, que se distinguiram pelo seu testemunho cristão e também fama de santidade nas vossas comunidades e nas Igrejas que serviram como exemplo e vida. Seria aconselhável que enviassem algumas notas biográficas sobre eles.





Também agradeceria se vocês pudessem indicar alguns dos vossos confrades e confreiras que podem ajudar na elaboração de textos de meditação espiritual e missionária a partir da Sagrada Escritura. Seria do nosso agrado se pudessem enviar essas indicações e outras sugestões ao Secretariado Internacional do PUM (october2019@ppoomm.va).

Anexo a cópia da Carta do Santo Padre que me foi endereçada no dia 22 de outubro de 2017 (Obs.: esta Carta mencionada foi publicada na Convergência anterior, novembro de 2018.)

Neste tempo de Advento, confiamos esta preparação à Santíssima Virgem Maria, Rainha dos Apóstolos, a São Francisco Xavier e Santa Tereza do Menino Jesus, ao Beato Paul Manna.

Desejando-vos abundantes frutos de conversão a Cristo em favor da obra missionária da Igreja, saúdo-vos cordialmente.





EXPERIÊNCIA DE INSERÇÃO MISSIONÁRIA NA PRELAZIA DO MARAJÓ/PA

“MEU DEUS, COMO ÉS GRANDE! IMENSO É TEU AMOR!”

IR. ANA MARTA DA SILVA¹

“*Ide por todo o mundo...*” (cf. Mt 28,19s): este mandato de Jesus, nós, enquanto Vida Religiosa Jovem, pudemos vivenciar intensamente de 14 a 29 de julho 2018, na paróquia Menino Deus de Anajás, Prelazia do Marajó/PA, durante a IV Missão da Vida Religiosa Jovem na Amazônia, que contou com a participação de 26 missionários e missionárias de 18 congregações, provenientes das mais variadas regiões do Brasil; 4 jovens missionários da RCC da cidade de Afuá/PA; alguns jovens da PJ de Anajás; um casal da Fraternidade João Paulo II; as irmãs da Caridade de Santana e da Fraternidade João Paulo II.

Somos chamados/as a sairmos de nós mesmos/as todos os dias e buscar novos caminhos e novas realidades. Agradeço à minha congregação das Filhas da Caridade Canossianas e à CRB por eu ter sido contemplada para esta missão, um tempo marcado pela experiência da intercongregacionalidade e da fraternidade.

Viajamos até a capital Belém, onde está localizada a casa de acolhida da Prelazia do Marajó. Essa casa serviu de base e ponto de encontro para todos/as os/as missionários/as e já ali fomos acolhidos/as e começamos a vivenciar o sentido da missão. Ali fui conhecendo os/as

1 Filhas da Caridade Canossianas





companheiros/as de caminhada e, com o bispo e pessoas da prelazia, vivenciando um tempo de preparação e formação sobre a situação/realidade que encontraríamos.

Para mim foi muito marcante ter a oportunidade de conhecer o centro histórico de Belém, o mercado “Ver o peso”, o Forte e, sobretudo, a Catedral e a Basílica onde acontece a grande festa do Círio de Nazaré.

No dia 17 partimos de Belém para Anajás, usando como meio de transporte o barco que comporta em média 120 pessoas. Após uma viagem de 23 horas, vivendo a aventura com o povo, dormindo na rede, comendo peixe, tomando açaí puro e nos encantando com a maravilhosa natureza, finalmente chegamos ao destino da nossa missão, no dia 18, na paróquia Menino Deus de Anajás, com 34 comunidades e apenas um padre. No mesmo dia, fomos divididos/as em grupos menores para ficar nas famílias que nos acolheriam naqueles dias. Vivi momentos de muitas graças ao encontrar o povo marajoara. Ali tivemos as últimas informações sobre o desenvolver das atividades que começariam no dia seguinte no centro da cidade.

Ao chegar a Santa Maria, uma comunidade ribeirinha da paróquia, encontrei uma mãe tentando fazer seu filho de seis meses respirar; ele estava sufocado. E usando meus conhecimentos de enfermagem, conseguimos socorrer aquela criança. Estando em contato com esse povo abençoado, toquei os vários rostos de Jesus pobre e sofredor. Povo esse que acolhe, abre as portas de sua casa, oferece do seu melhor para os/as missionários/as e nos fez dessa maneira participar de seu cotidiano.

Nessa comunidade permaneci três dias; lá fazia visita às famílias, oração com os enfermos, reunia o povo para a celebração da palavra à noite, animação com as crianças, momento de partilha com os jovens. Apesar das distâncias e dificuldades, houve uma bonita participação e empenho do povo.

Continuamos nossa experiência missionária em outra comunidade ribeirinha, Bom Jesus, onde as famílias nos hospedaram e pudemos nos reunir com outros/as missionários/as. É importante ressaltar que, nessas comunidades ribeirinhas, o padre consegue atender somente uma ou duas vezes por ano. E mesmo assim o povo continua seus encontros de celebrações, grupo de jovens, oração do terço... o que ajuda a não esmorecer na fé.





A realidade social também nos tocou bastante ao ver a dificuldade do povo nas suas necessidades básicas: saúde, educação, instrução elementar (por exemplo: em casas de madeira, o fogão a lenha encostado na parede, oferecendo grande risco de acidente doméstico).

Encontrei uma Igreja que, a exemplo do papa Francisco, toca o povo, se aproxima das pessoas carentes, está atenta à realidade local; a começar pelo bispo, Dom Evaristo Spengler, que nos deu grande exemplo de verdadeiro pastor, ”com cheiro de ovelhas”.

“Como é bom e agradável que os irmãos vivam unidos...” (cf. Sl 133,1)

A experiência da intercongregacionalidade sem dúvida foi muito positiva; carismas diferentes unidos por um único objetivo fortaleceu ainda mais o meu ser consagrada, Canossiana. A partir dessa vivência me sinto mais fortalecida na fé e na vocação, com o desejo de sempre mais me doar ao próximo, ser esse reflexo da presença de Deus para os irmãos e irmãs. Acredito que não só eu, mas todos/as os/as religiosos/as que participaram dessa missão voltaram mais motivados/as para ser pessoas melhores, testemunhando com coragem e ousadia a beleza da consagração. Que Deus suscite sempre mais em nós um maior zelo à missão que Jesus nos deixou e que surjam muitas pessoas de corações generosos, consagrando suas vidas ao bem do próximo.

Cada um de nós é um grãozinho de areia que faz parte de um imenso mar. Se cada um puder sentir-se parte desse todo, saberá o quão importante é para Deus sua presença e seu testemunho aqui na terra. Rogo ainda ao Criador e Pai das luzes que cubra de bênçãos os idealizadores dessa missão e de tantas outras que virão, sempre pensando no bem do outro a exemplo do Bom Samaritano.





CARTA DE SOLIDARIEDADE E APOIO AO PAPA FRANCISCO

“EIS QUE ESTOU FAZENDO UMA COISA NOVA!”(IS 43, 19)

IRMÃ MARIA INÊS VIEIRA RIBEIRO¹

Querido Papa Francisco!

Por meio dessa carta de afeto, de proximidade e de apoio, receba a nossa carinhosa saudação.

Nós, Religiosas e Religiosos da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), iluminados pelo Horizonte Inspirador e pelas Prioridades do Triênio 2016 – 2019, vivemos a nossa consagração religiosa como resposta ao chamado de Deus, comprometidos como discípulos e missionários na construção do Reino de Deus.

Temos acompanhado a sua dedicação ao ministério que o Senhor lhe confiou em favor da unidade da nossa Igreja, em prol de uma maior coerência da nossa vida cristã, assim como o seu incansável trabalho pastoral de anúncio do Evangelho com fidelidade e liberdade, e de denúncia corajosa do que Deus reprova, ao pedir humildemente perdão pelos pecados e equívocos dos membros da sua e nossa Igreja (padres, religiosos, leigos, fiéis). Os seus gestos, ensinamentos, atitudes e posturas, em sintonia com o Evangelho, têm sido inspiradores para a nossa vida e missão nos mais diversos recantos do Brasil e nas missões *ad gentes*. As suas palavras proféticas e o seu testemunho nos ajudam a reenfocar

1 Presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil.





nossa vida e vocação na centralidade em Jesus Cristo. Os seus reiterados apelos para seguirmos às periferias e fronteiras existências e geográficas nos animam no desenvolvimento da nossa missão e nos itinerários formativos da vida religiosa consagrada do presente e para o futuro.

Com profundo pesar temos acompanhado os inúmeros ataques promovidos contra o seu magistério e a sua pessoa nas últimas semanas. São situações lamentáveis que desconfiguram a comunhão eclesial e fazem sofrer todo o Povo de Deus. Sabemos, todavia, que a cruz é a partilha dos que fazem a obra de Deus. Jesus Cristo – Caminho, Verdade e Vida – foi mal-entendido, caluniado, perseguido. Em nossa Igreja, muitos o querem juiz e fariseu, mas sua escolha é pastor, declara-se pecador, homem necessitado de Deus, e com simplicidade se apresenta como bispo de Roma e tão somente “Francisco”. Neste momento particularmente delicado da nossa Igreja, não podemos deixar de manifestar a nossa solidariedade e total apoio ao seu pastoreio e nossa plena comunhão com a sua pessoa e o seu magistério.

Conte com as orações diárias dos Religiosos e Religiosas do Brasil e continue a ser para nós sinal da alegria do Evangelho e farol de esperança num mundo turbulento. Que Deus derrame abundantes bênçãos sobre sua vida e magistério. Que Maria, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, proteja a sua e nossa santa e pecadora Igreja.

Brasília, 05 de setembro de 2018

Memória de Santa Teresa de Calcutá





IANUA COELI "PORTA DO CÉU"

PADRE CARLO BATTISTONI¹

Introdução

“*Porta do Céu*”: talvez sem alguma presunção, sem imaginar que esta linda expressão se tornaria parte da história da devoção a Maria, alguém, um anônimo do século XVI, tenha manifestado o seu sentimento para a Mãe de Jesus enquanto olhava para aquela que a tradição e a arqueologia sacra identificaram como a casa de Maria, desmontada na longínqua Éfeso e reconstruída pedra após pedra pelos cruzados na cidade de Loreto para que não fosse destruída pelos muçulmanos. “*Porta do céu*”: hoje ainda invocam a Mãe de Jesus com esse epíteto os fiéis que acrescentam à oração do terço as ladainhas Lauretanas².

É provável que se tratasse de um simples peregrino que pouco ou nada conhecia da teologia da época, no entanto ele intuiu algo de tamanha importância que ainda hoje está na base da reflexão do próprio Concílio Vaticano II quando apresenta aos fiéis uma nova fisionomia de Maria: linha de pensamento que inspirou a Encíclica “*Redemptoris Mater*” de João Paulo II. Com palavras lapidárias a *Lumen Gentium* nos

1 Pe. Carlo Battistoni. “Instituto Filhas e Filhos do Coração Imaculado de Maria” - FFCIM Centro Bíblico Regnum Dei. Rua Regnum Dei n° 375 – Ponta Grossa/PR
Professor de pós-graduação em Sagrada Escritura em Curitiba na Faculdade Vicentina e no Instituto de Filosofia e Teologia “Mater Ecclesiae”.

2 O nome “Lauretana” deriva da cidade de Loreto





ofereceu a chave de leitura mais correta possível para uma interpretação real e eficaz da Mãe de Jesus. Não desdenhando os inúmeros atributos que a fé popular foi acrescentando a Maria no decorrer dos séculos, os Padres Conciliares pousaram a própria atenção sobre a dinâmica da fé que tomou forma no coração e na vida cotidiana: “*avançou na peregrinação da fé, mantendo fielmente a união com o seu Filho até à Cruz*” (LG, 58). Foi nessa “peregrinação da fé” que Ela se fez discípula, serva, luz de fidelidade para quem deseja percorrer o mesmo caminho que A conduziu a sentir em si o coração de Deus.

Na antífona da liturgia das horas da festa da Assunção de Maria, a Igreja reza com estas palavras: “*A porta do Céu foi fechada por Eva, por Maria ela abriu-se aos homens, de novo*”. Não é difícil ver nessa oração o lugar que Maria assumiu no ato salvífico do Senhor.

“Eu sou a porta das ovelhas” (Jo. 10,7)

Num dos discursos que Jesus faz sobre si e a sua missão, Jesus se refere a um episódio bem conhecido por todo Hebreu: o sonho de Jacó (Gen. 28,10-19). Jacó “sonhou” que os dois mundos, o do “céu” e o da “terra”, até então imaginados totalmente separados e inacessíveis um ao outro, um dia poderiam não ser mais fechados um ao outro, mas sim unidos por uma ponte, uma escada sobre a qual os ministros de Deus poderiam subir e descer à vontade. Ora, quando o Senhor se encontrou com Natanael, revelou-se a si mesmo com estas palavras: “Em verdade, em verdade vos digo que vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem” (Jo. 1,51). Assim fazendo, Ele indicava a sua missão de “pontífice” entre os dois mundos impenetráveis de modo recíproco.

Ele é o lugar onde o “céu” tem acesso real à terra e a “terra” (o homem) tem acesso real ao céu (Deus na sua condição).

A sensação que Jacó teve diante do “sonho” foi tão assustadora a ponto de induzi-lo a dizer: “Esse lugar é terrível! É a Casa de Deus, a porta dos céus” (Gen. 28,17). Jesus lembrou aos discípulos essas mesmas palavras quando falava de si mesmo usando a figura de linguagem do redil das ovelhas: “Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará, e sairá, e achará pastagem” (Jo. 10,9). Jesus se revela como a “Porta” que faz de dois mundos um só; de duas esferas uma única dimensão. Sim, Ele é a porta, uma porta que é “estreita” (Mt.





7,13-14) para todos, mas que não está fechada para ninguém; precisa apenas ter a coragem de abrir para poder entrar na esfera do divino e dela participar. Se Jesus pede aos discípulos “abrir” essa porta, é porque já esse pedido fora feito pelo Pai a uma mulher, Maria, a qual teve a coragem de “abrir” o que ao homem estava fechado desde que Adão quis se apoderar com suas mãos daquilo que Deus lhe haveria dado gratuitamente, como dom, não como presa. Em Maria se reverteu a situação uma vez que a oferta de Deus foi feita novamente ao homem e, dessa vez, a adesão incondicional, que é amor real, triunfou sobre a realização autorreferencial, origem do pecado e o pecado da origem.

O gesto simbólico ao qual Jesus se refere, “entrar pela porta”, remete ao uso em Israel de celebrar os julgamentos às portas da cidade³; quem fosse considerado justo podia abrir a porta da cidade e entrar naquele espaço consentido apenas a um “povo consagrado” (cfr. Sal. 118,19-20).

“*A porta do Céu foi fechada por Eva, por Maria ela abriu-se aos homens, de novo*”: essa antifona nos sugere ainda que a Igreja reconheceu e viu realizada Nela a consagração. Todos os cristãos são chamados à consagração, mas esta se visibiliza de modo especial em quem adere incondicionalmente a Deus, o que é o núcleo da vocação religiosa.

Maria ícone do discipulado

À primeira vista, talvez com uma certa superficialidade, a situação de Maria no projeto salvífico parece óbvia: Ela abriu as portas do céu porque foi mãe de Jesus. Vista assim, a Sua participação é apenas funcional, uma vez que Deus, se quisesse se encarnar, deveria fazê-lo obviamente por uma mulher. Maria consentiu. Esta é a visão protestante. Evidentemente essa visão não corresponde ao ensinamento dos Evangelhos e menos ainda à doutrina da Igreja que vê Nela não apenas uma moça capaz de dizer “sim” (o que de fato nunca disse), mas sim o primeiro modelo de um discípulo, isto é, de alguém que se coloca à disposição, caminha, assume responsabilidades, tenta entender mesmo não compreendendo. É o caminho da fé que encontra Nela um ícone para todo cristão e, de modo especial, para quem escolheu consagrar a própria vida ao Senhor.

3 Cfr. Dt.22,14-24; Jer. 1,15-16. Js. 20,4; Lam. 5,14. A cidade ou a casa eram considerados espaços sagrados, o deserto (fora da cidade) era o lugar onde moravam os demônios. Quem fosse considerado blasfemo era executado fora das portas da cidade, como o foi Estevão.





Creio que um pequeno episódio que nos foi transmitido por Lucas possa nos ajudar a intuir o que Jesus pensava da Sua mãe: “Enquanto Jesus falava, uma mulher, levantando a voz do meio da multidão, disse: ‘Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram!’ Ele, porém, respondeu: ‘Felizes, antes, os que escutam a Palavra de Deus e a põem em prática’”. (Lc. 11,27-28). Trata-se de um lance colocado de propósito no Evangelho (não é redacional e está ausente nos demais Evangelhos) com o qual Lucas responde a uma tendência que estava se espalhando em alguns cristãos. A explosão de sentimentos dessa mulher anônima parece apontar no fato que ela considere Maria “bem-aventurada” porque foi a mãe do Messias. A essa consideração se opõe a firme resposta de Jesus: ela é “bem-aventurada” porque ouviu a Palavra, acreditou, e essa Palavra pôde ser visibilizada. Então a bem-aventurança dela não se dá porque é mãe, mas é “Mãe” porque é bem-aventurada ouvindo e tornando real a vontade de Deus. É esse o sentido da expressão “pôr em prática”, pois o vocábulo grego (praxij- prática) significa “visibilizar algo que é ideal”⁴ (vocábulo diferente de teknh -tecne da qual vem “técnica”, que se inspira ao “movimento dos dedos” e significa: “fazer”, “executar”).

É exatamente isto que Jesus pensava da sua Mãe: ela tem sido capaz de “tornar visível” a vontade de Deus aderindo sem condições a Deus. Essa mesma “beatitude”⁵ Jesus a deseja e oferece como perspectiva também aos seus discípulos na última ceia, com estas palavras: “Uma vez que sabeis isto, sereis felizes se o puserdes em prática”; desse modo Jesus seguia o costume judaico com o qual um pai, nessa ocasião, entregava ritualmente aos familiares os valores que norteavam a sua vida. Parece, então, que para Jesus o discípulo com o qual Ele se reconhece é quem “põe em prática”, torna visível em sua vida a vontade do Pai. Essa é a missão do discípulo de Jesus e, creio eu, possamos a todo direito atribuir a Maria o mesmo atributo de “discípula” em sentido pleno.

Ser discípulos

A esse ponto poderíamos nos perguntar o que significa ser discípulo. Esse questionamento é tanto mais importante quanto mais viva estiver em nós a convicção destacada no Concílio que vê no/a religioso/a uma pessoa que “segue mais de perto” o Senhor (PC 1,1).

4 Na cultura grega daquele momento, influenciada pelo neoplatonismo, existe uma grande distância entre o mundo “ideal” e o mundo “real”. O primeiro tem essência mas não existência, ou seja, não influi na vida dos homens já que não é real. Do mesmo modo uma “vontade de Deus ideal” é insignificante, a não ser que essa se torne “visível”, logo, possível.

5 Na linguagem dos Hebreus, a expressão “bem-aventurado” indicava a benevolência de Deus e todos os seus efeitos.





Os Evangelhos nos oferecem substancialmente a ideia de que o discípulo é alguém que, de algum modo, vincula a sua vida àquela de Jesus e, por isso, participa mais estritamente da Sua revelação. Vê-se com extrema facilidade que Jesus age de modo muito diferente com a multidão e com os discípulos. A multidão não é o objeto principal de Sua vida e missão; à multidão Jesus se dirige com ensinamentos morais, responde às exigências que Lhe apresentam, como curar doentes, ouvir palavras de conforto e esperança, sentir a proteção de Deus. Contudo, mesmo o Senhor agindo para com as multidões com atenção e com ternura, como nos dizem os Evangelistas: “...Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor” (Mt. 9,36), não foram elas o objeto principal da sua missão, mas sim os que haviam ligado a própria vida à Dele. A multidão não seguia Jesus; apenas se fazia presente, ocasionalmente, nos lugares onde soubesse que Jesus estaria. Não havia um laço, um vínculo estável, o que é fundamental para um discípulo.

Quanto aos discípulos Jesus instaura com eles uma relação de sempre maior intimidade, proporcional à fidelidade e estabilidade deles. Foi essa estabilidade, dada por uma opção fundamental, que fez deles “discípulos” e fará deles “testemunhas”, pois, é sobre essa firmeza que o Espírito Santo poderá agir: “Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim; e vós também testemunhareis, porque estais comigo desde o princípio” (Jo 15,26-27). Encontrando neles uma atitude de firmeza e estabilidade, Jesus instaura com eles uma relação única, diferente daquela que possui com pessoas que O seguem ocasionalmente. Essa relação constitui o discipulado, que se distingue de outras formas de seguimento. Portanto, é aos discípulos que Jesus pode “revelar os mistérios do Reino” enquanto aos outros, à multidão, estes estão ocultos ⁶.

Os Evangelhos frequentemente descrevem momentos de intimidade entre Jesus e os discípulos, e o fazem com esta expressão: *kat` „d...an*, que pode ser traduzida com “à parte”, mas o sentido da palavra *idij* indica “familiaridade”, “proximidade”, indicando assim a relação que Jesus estabelece com o discípulo como resposta à sua generosidade em aderir sem condições. Sim, a estabilidade é, com certeza, a primeira característica do discípulo. Ora, no Evangelho de São João, a atitude de Maria enquanto cruzava seu último olhar com o filho é descrita

⁶ «Então, se aproximaram os discípulos e Lhe perguntaram: Por que Lhes falas por parábolas? Ao que respondeu: “Porque a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não Lhes é concedido”» (Mt. 13, 10-11)





assim: “...estava “diante” da cruz”. A expressão “*Diante de*” (*par*®) é usada na linguagem bíblica para indicar um julgamento; no nosso caso, então o elemento de juízo é a própria cruz, a incompreensão à qual é submetido todo discípulo que aceita uma lógica que não é a sua, que é de “Outro”. O fato de não entender é a ocasião para que o discípulo possa se entregar até o limite; se ele o fizer é apenas porque confia; desse modo ele possui apenas a certeza de um amor que não decepciona, é a certeza da fidelidade de Deus à qual corresponde a fidelidade do homem. Toda a vida de Maria se desenvolveu assim!

Para indicar esse grande movimento da alma, o Evangelista usa um verbo que se tornou de extremo valor na igreja primitiva e que ainda hoje repetimos em toda celebração com o segundo *cânon*⁷; é o verbo *ἵστημι* (*istemi*) que significa “ficar de pé”; desse modo sabemos que o Evangelista viu em Maria uma estabilidade irreduzível própria de um soldado posto à guarda da porta. O contrário desse verbo é a “*apostasia*” que indica a provisoriamente, a evasão, a fuga para algo mais fácil, assim como faz o mercenário da parábola de Jo 10,12-13.

Temos assim descrita em Maria a segunda grande característica de um autêntico discípulo, de alguém que escolhe Jesus e permanece com Ele. Creio que hoje a atitude de permanecer firme no caminho que Deus oferece seja um dos maiores sinais do amor real, de um amor não vago e sujeito às variáveis sentimentais. É um “não” que o religioso dá à ditadura do provisório, imposta por uma cultura autorreferencial; um “não” ao subdolo princípio pelo qual o que conta é o próprio bem-estar expresso com frases comuns como: “*é bom para mim*”, “*me sinto bem*”, “*me realiza*”... exatamente o que a linguagem da etiologia histórica de Gênesis descreve com o ato de Eva se apoderar daquilo que para ela é “agradável aos olhos”. O amor confiante é estável e não sujeito às alterações momentâneas; essas produzem a necessidade contínua de buscar novas experiências na tentativa desenfreada de encontrar uma utópica “felicidade”, a ser conquistada, mas não recebida.

Ser servo

Se Deus chama é porque Ele escolhe um caminho para quem é chamado, um caminho cujo desfecho será inesperadamente positivo, como o foi a ressurreição após a morte. Qualquer outro caminho que alguém

⁷ “*Nos fizestes dignos de estar aqui na vossa presença e vos servir*” é a tradução em Português do latim “*as-tare coram ti*” que traduz o verbo grego *ἵστημι*. O verbo era usado para indicar a postura de uma sentinela.





escolher poderá até ser bom, mas, com certeza, não é o que Deus lhe ofereceu; com certeza não é “serviço a Deus”. Maria escolheu para si amar com o amor fiel como “serva”, assim como Jesus que, “tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (Jo. 13,1).

A característica de “seguir o caminho proposto” é sugerida pelo uso de um dos termos que os Evangelistas utilizam para designar o discipulado; é o verbo *akolouqew* (*acolouteo*)⁸ que indica “percorrer o mesmo caminho”. Todavia, não se trata apenas de um seguimento material, do tipo: “*vem e segue-me*” como se fosse um convite (visão esta que, infelizmente, reduz a beleza da vocação à vida consagrada). A estrutura semântica do verbo pressupõe uma adesão de mente e de alma (a raiz *qew*), em outras palavras, o discípulo é aquele que, ao longo do tempo e do caminho que Jesus oferece, aprende a identificar-se com Ele, aprende a sentir o que “Deus sente” e agir conseqüentemente. Durante a sua vida, o Senhor educava continuamente os seus discípulos para que aprendessem a pensar com a lógica de Deus e a “sentir” como Deus sente, e não apenas embasar-se sobre a própria maneira de sentir e pensar ⁹!

O motivo dessa pequena digressão que fiz é para que possamos entender um pouco melhor como o discípulo é ao mesmo tempo “servo”, uma qualidade que a Igreja reconhece em Maria. “Se alguém me serve, siga-me, e, onde eu estou, ali estará também o meu servo” (Jo 12,26). Não existe discipulado prescindindo da dimensão do serviço, todavia precisamos refletir sobre o sentido correto dessa expressão que Maria também usa declarando-se para Deus.

É bem compreensível como na cultura pragmatista em que estamos todos mergulhados, o serviço seja identificado com a disposição a “fazer algo de bom” para alguém ou para Deus. Sem dúvida estamos diante de uma atitude encomiável e desejável, sem dúvida tal atitude expressa generosidade e desprendimento, características típicas de um bom cristão. Mas será que é exatamente tudo isto que a Escritura entende quando fala de “serviço”? Será que era isto que Maria tinha em seu coração quando respondeu: “Olha! A serva do Senhor”¹⁰ (Lc.1,38)?

Geralmente, na Escritura, os personagens aos quais Deus confia a responsabilidade de conduzir o povo ou participar de modo específico do

8 Cfr. Mt. 8,22; 9,9; 19,21 etc.

9 Temos inúmeros episódios como: Mc. 8,33 (Jesus e Pedro); Mc. 10, 13-14 (Jesus e as crianças); Mc. 10,35-37 (Jesus e os filhos de Zebedeu); Lc. 9,54-55 (Jesus repreende Tiago e João) etc.

10 A tradução proposta é literal pois o verbo (*IdoÚ*) expressa a generosa disposição dada com entusiasmo de participação, como se Ela quisesse dizer: “você está preocupado? Olha aqui...”. Quase todas as Bíblias traduzem com “Eis aqui a serva”





projeto salvífico são chamados “*servos de Deus*”; assim, Moisés, Davi, os Profetas, etc. Isto se explica não apenas porque desenvolvem uma função própria no projeto salvífico, mas por causa da sua consignação total a Deus. É esta consagração que os torna capazes de entender o modo de agir de Deus e entrar em sintonia com Ele podendo assim guiar, proteger, educar o povo. Vê-se desse modo como o verdadeiro “serviço a Deus e às pessoas” não pode ter origem apenas num vago desejo de “fazer o bem” que alguém sente dentro de si. Este é apenas um bom desejo, mas não tem nada a ver com o serviço como a Escritura no-lo apresenta. Antes de qualquer outra consideração, é preciso esclarecer que “serviço” não se confunde com o propósito de “fazer algo”; o serviço se identifica com a decisão de responder ao desejo de um “outro”. O serviço implica sempre um “outro” e não é autorreferencial do tipo: “quero servir a Deus do meu jeito...” Isto não é serviço. Quando alguém é chamado a consagrar a sua vida a Deus e ao Seu serviço, não pode esquecer que a iniciativa é de Deus, pois o projeto é Dele e não nosso.

Logo, quem quiser servir deve ter o mesmo modo de agir de Maria, capaz de “ouvir” e “guardar”. Cabe aqui mais uma consideração que, na minha opinião, nos conduz a entender por que Maria se definiu “serva” do Senhor. A Escritura faz uma clara distinção entre o conceito de “escravo” e de “servo”¹¹. O escravo é aquele que apenas “executa” uma ordem, não se envolve na responsabilidade, faz o que lhe é mandado. Ser servo, ao contrário, é um título honorífico; este não se limita a executar, mas assume a responsabilidade, decide, cria, enfim, se envolve arriscando. O escravo permanece fora da porta da casa, enquanto o servo pode entrar nos aposentos do seu patrão, cuidar da filha e da esposa. Tudo isso por um simples motivo: ele conhece o seu patrão. Antecipa o seu desejo, sabe do que ele precisa... apenas por um motivo: entrou na intimidade do senhor. É o que Maria fez entrando na intimidade do coração de Deus.

Considerações finais

Poderíamos deixar três pontos de reflexão que nos ajudem a viver a nossa consagração tendo diante dos olhos as atitudes de Maria.

Nas opções cotidianas, a minha vida consagrada coloca Deus como centro ou ainda é autorreferencial?

Encontro a minha realização pessoal em Deus, como um discípulo que se identifica com o desejo do senhor ou ainda faço distinção entre os dois?

¹¹ A confusão muitas vezes nasce do fato que “escravo” e “servo” frequentemente são a tradução de uma única palavra grega: *douloj*





Em que consiste a minha atitude de serviço? É dominada pelo desejo de “fazer” ou de penetrar no íntimo de Deus para, humildemente, aprender a cada dia o que fazer?

Creio que esses poucos e limitados pontos de reflexão sobre Maria possam nos ajudar a penetrar um pouco mais o coração de Nossa Senhora: Ela é serva porque “sabe” o que Deus sente, se envolve, arrisca! Mas também sabe do que nós precisamos. Como é absurda a expressão que alguns, desinformados, atribuem a Maria: “Eis a escrava do Senhor”! O amor é envolvente, se abre, permite a Deus agir com liberdade e assim Deus pode realizar coisas maravilhosas, como tornar-se um de nós para que nos tornemos o que Ele é. É a vocação da vida consagrada. É o mistério do Natal, é o mistério do amor que se abre como uma porta e transfere o homem no mundo de Deus e Deus no mundo dos homens.





AS IMPLICAÇÕES DA MODERNIDADE LÍQUIDA NA PASTORAL UNIVERSITÁRIA (PU): FAZER PASTORAL EM TEMPOS LÍQUIDOS¹

UATOS PIRES PEREIRA²

SOLANGE MARIA DO CARMO³

A *modernidade líquida* é o *sitz im leben* (contexto vital) no qual se desenvolve a PU, assim como toda pastoral da Igreja hoje. O reconhecimento dessa realidade é fundamental para se traçarem novos projetos de evangelização, que devem ser enraizados na prática existencial. Olhar o passado com saudosismo não ajuda na difusão do evangelho. Assumir o tempo presente, com suas alegrias e esperanças, tristezas e angústias, é condição para uma ação pastoral eficaz.

Tempos de crise

Na obra *Em busca da política*, Bauman identifica que a sociedade contemporânea passa por um momento de crise. No intuito de chegar a uma compreensão acurada dessa crise, ele identifica duas possíveis respostas:

- 1 Artigo resultante do trabalho de pesquisa do aluno de graduação em teologia Uatos Pires Pereira, sob a orientação da professora Dr^a Solange Maria do Carmo, financiado pela FAPEMIG, a quem agradecemos o apoio, e vinculado ao PROBIC da PUC-Minas.
- 2 Especialista em Juventude no mundo contemporâneo – FAJE; graduando em Teologia – PUC Minas. Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG). E-mail: uatos@hotmail.com
- 3 Professora da PUC-Minas, mestre em teologia bíblica e doutora em teologia catequética pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – Belo Horizonte/MG. E-mail: carmosolange@gmail.com.





A resposta óbvia e simples (que parece óbvia *porque* simples) a essa inquietação seria apontar o pequeno volume de ideias estranhas e sem precedentes que destroem expectativas geradas e nascidas em épocas quando as coisas mudavam muito mais lentamente. Diz-se que, embora o mundo tenha estado sempre em mudança, nunca antes as mudanças foram tantas nem tão profundas e que o rápido aumento da quantidade e profundidade das mudanças tornam muito mais difícil a permanente tarefa humana da auto-orientação.

Um pouco menos óbvia, mas resposta também relativamente simples, seria assinalar que nunca antes eventos e transformações fundamentais que marcam as gerações envelheceram e desapareceram tão rápido quanto hoje, sucedendo-se com enorme velocidade, e que conseqüentemente os períodos de tempo de gerações específicas são hoje mais curtos do que nunca – alguns anos e não algumas décadas (BAUMAN, 1999, p. 147-148).

O momento atual é caracterizado pela ansiedade (cf. BAUMAN, 1999, p. 148), visto que há uma procura constante por respostas e definições, mas o máximo que podemos chegar são especulações que caem no campo da incerteza⁴. Com isso, na atualidade nos deparamos com pessoas cada vez mais angustiadas por diversos motivos (financeiro, estético, religioso, acadêmico, etc.). Para Bauman, essa angústia é fruto da vastidão de possibilidades que são apresentadas ao homem, sendo que seu poder de escolha é limitado, todavia é falsamente colocado como infinito pelo *marketing*

Nas novas circunstâncias, o mais provável é que a maior parte da vida humana e a maioria das vidas humanas consumam-se na agonia quanto à escolha de objetivos, e na procura dos meios para os fins, que não exigem tanta reflexão. [...] A pergunta “o que posso fazer?” passou a dominar a ação, minimizando e excluindo a questão “como fazer da melhor maneira possível aquilo que tenho que não posso deixar de fazer?” (BAUMAN, 2001, p. 73).

Observando essa instabilidade atual, Bauman conceitua a contemporaneidade como *modernidade líquida*, constatando uma crise marcada pelas rápidas e constantes mudanças que ocorrem na sociedade. Talvez ainda seja cedo para fazer um juízo moral acerca da atualidade dizendo se é boa ou ruim, mas é perceptível que o homem, na sua forma de se relacionar com os outros e com o mundo, vem passando por mudanças constantes.

4 [...] A incerteza não é algo que *reparamos*, mas algo que *criamos* e criamos de modo novo e em maior quantidade, e *criamos através dos esforços para repará-la* (BAUMAN, 1999, 150).





Relações liquefeitas

Para Bauman, a sociedade atual pode ser definida como

uma versão individualizada e privatizada da modernidade, e o peso da trama dos padrões e a responsabilidades pelo fracasso caem principalmente sobre os ombros dos indivíduos. Chegou a vez da liquefação dos padrões de dependência e interação. Eles são agora maleáveis a um ponto que as gerações passadas não experimentaram e nem poderiam imaginar (2001, p. 15).

As mudanças são uma constante na contemporaneidade e suas consequências são inevitáveis para os indivíduos. Nesses tempos instáveis, o indivíduo ganha centralidade, pois tudo ao seu redor se liquefaz constantemente, na velocidade de um sinal eletrônico. A instantaneidade é marca registrada da *modernidade líquida*. A cada instante, um novo produto é lançado no mercado, e os indivíduos são levados a se refazerem em função dos novos lançamentos, visto que consumir é condição vital nesse contexto líquido.

Na lógica do consumo, até as relações humanas se tornam produto a ser comercializado em vista da sobrevivência na liquidez. Com isso, “laços e parcerias tendem a ser vistos e tratados como coisas a serem consumidas, e não produzidas; estão sujeitas aos mesmos critérios de avaliação de todos os objetos de consumo” (BAUMAN, 2001, p. 205). O outro passa a ser dimensionado pela utilidade que ele tem e não pelo que é. Por isso, quando deixa de ser útil ou causa algum problema, a pessoa é descartada como um objeto que se tornou obsoleto. Exemplo disso são as redes sociais. Nelas, milhares de pessoas se relacionam virtualmente, mas, em um *click*, qualquer um pode ser excluído.

As relações virtuais são uma marca forte da *modernidade líquida*, pois o espaço virtual é extremamente fluido. Nas redes sociais, os conflitos são “facilmente” resolvidos, pois as pessoas ou os perfis podem ser constantemente adicionados ou excluídos, mudando apenas o número de amigos virtuais. Além disso, a multiplicidade de amigos ou seguidores elimina a obrigação de dar atenção a cada um deles. Nota-se um isolamento do indivíduo que, mesmo sendo seguido por milhares de pessoas, sente-se sozinho em meio à liquidez da existência. Há uma verdadeira política de precarização, conduzida pelo mercado de trabalho e apoiada pelas políticas de vida. Como resultado, observamos o enfraquecimento e decomposição dos laços humanos, das comunidades





e das parcerias. “Compromissos do tipo ‘até que a morte nos separe’ se transformam em contratos do tipo ‘enquanto durar a satisfação’” (BAUMAN, 2001, p. 204-205).

Imediatismo e consumismo

Para Bauman, a sociedade atual é marcada pelo imediatismo. “No estágio líquido da modernidade, só são fornecidos arreios com zíper, e o argumento para sua venda é a facilidade com que podem ser usados pela manhã e despidos à noite (ou vice-versa)” (BAUMAN, 2001, p. 211). Subjacente a esse imediatismo, encontra-se a cultura do descartável, que é alimentada pelo consumismo desregrado. Os produtos já são lançados praticamente desatualizados, pois o próximo já está na linha de produção.

Nessa esteira do pensamento, também o ser humano torna-se objeto de consumo, e a existência humana fica caracterizada como um grande *shopping center*, com diversas vitrines, todas elas recheadas de possibilidades que podem ser compradas com a moeda chamada tempo e retiradas nas sacolas das escolhas humanas. Não se pode perder tempo refletindo sobre o que comprar, pois ele é precioso e pode acabar a qualquer momento. Por isso, também não se deve perder tempo constituindo laços humanos duradouros, pois provavelmente não restará tempo para desfrutar dessa relação.

Esforços para manter à distância o “outro”, o diferente, o estranho e o estrangeiro, e a decisão de evitar a necessidade de comunicação, negociação e compromisso mútuo, não são a única resposta concebível à incerteza existencial enraizada na nova fragilidade ou fluidez dos laços sociais. Essa decisão certamente se adapta à nossa preocupação contemporânea obsessiva com poluição e purificação, à nossa tendência de identificar o perigo para a segurança corporal com a invasão de “corpos estranhos” e de identificar a segurança não-ameaçada com a pureza (BAUMAN, 2001, p. 138).

Transcendência sob outra ótica

O homem e a mulher da *modernidade líquida* vivem angustiados, pois convivem diariamente “com o risco da autorreprovação e do auto-desprezo... com os olhos postos em seu próprio desempenho” (BAUMAN, 2001, p. 52). Aumenta, pois, o desejo de realização e o cansaço pelas frustrações cotidianas. Com isso, a relação com a transcendência





torna-se um refúgio onde se depositam as problemáticas cotidianas, e a fé, com todo seu entorno, torna-se um objeto de consumo, que é oferecido em diversos modelos pelas mais variadas “igrejas” para os distintos gostos (NERY; VASCONCELLOS, 2014, p. 128).

Em 2005, o papa Bento XVI tratou da comercialização da religião em sua homilia no encerramento da Jornada Mundial da Juventude em Madri:

[...] existe, ao mesmo tempo, também um sentimento de frustração, de insatisfação de tudo e de todos. É espontâneo exclamar: não é possível que esta seja a vida! Deveras, não. E assim, juntamente com o esquecimento de Deus existe um “boom” do religioso. Não quero desacreditar de tudo o que existe neste contexto. Pode existir nisto também a alegria sincera da descoberta. Mas, para dizer a verdade, não raramente a religião se torna quase um produto de consumo. Escolhe-se aquilo de que se gosta, e alguns sabem até tirar dela um proveito. Mas a religião procurada a seu “bel-prazer” no fim não nos ajuda. É cômoda, mas no momento da crise abandona-nos a nós próprios.

O individualismo e o imediatismo da *modernidade líquida* influenciam diretamente na vivência religiosa das pessoas. O indivíduo da *modernidade líquida* é muito atarefado e não pode “perder” tempo. “Antes de se ter tempo de pensar na eternidade, a hora de dormir está chegando e, depois, um outro dia transbordante de coisas a serem feitas ou desfeitas” (BAUMAN, 1998, p. 210). Com a falta de tempo para pensar na eternidade, a religião – e toda relação com a transcendência – perde sua funcionalidade social, visto que a escatologia é o princípio básico das religiões.

Não há tempo para cogitar a eternidade; o importante é o aqui e o agora ou, em outras palavras, o instantâneo. Segundo Bauman (1998, p. 211), “a esperança da vida eterna, o sonho e o horror do inferno não são a questão da partenogênese, embora seja disso que os filósofos da religião quase conseguiram nos convencer”. Existem muitos problemas no presente a serem resolvidos, por isso um discurso centrado na possibilidade da vida eterna não é mais encantador.

Tendo dado centralidade ao indivíduo, a vida comunitária fica relativizada, pois como falar de comunidade em tempos nos quais “a sociedade está fortemente marcada pela fragmentação social e fluidez das instituições: família, relacionamentos, religiões, partidos políticos, sindicatos, associações diversas”? (LOPES, 2014, p. 47). Para Bauman, as instituições “não são mais as forças determinantes e definidoras das identidades” (BAUMAN, 2000, p. 33). Na *modernidade líquida*, o indivíduo está lançado à liquidez das incertezas e não à solidez das estruturas institucionais.





50 Privatização da religião

A busca pela felicidade é latente na *modernidade líquida*. Todavia, essa busca é pautada pelo individualismo, pois cada indivíduo acredita ser possível chegar sozinho à felicidade. No campo religioso, as pessoas tendem a buscar o sagrado sem especificamente aderirem a uma instituição religiosa ou procuram denominações religiosas que satisfaçam seus desejos e não se preocupam tanto com os códigos doutrinários, mas com o resultado imediato que sua escolha irá lhe trazer.

Faz muito mais sentido ao indivíduo pós-moderno construir a própria experiência religiosa que pode até agregar características de uma religião tradicional, mas sem se limitar a elas. O religioso passa a escolher no que crer e não aceitar tudo que a instituição lhe impõe, passando, assim, a vivenciar uma religião à *la carte*, personalizada ao gosto do cliente, e adotando apenas crenças e tradições que façam sentido no próprio sistema de valores e narrativa pessoal de vida. (NERY; VASCONCELLOS, 2014, p. 128)

A religião passa a ser construída segundo os interesses dos indivíduos. Diante de tantas ofertas religiosas, é possível bricolar as partes e constituir uma religião para si, independente das instituições. Os livros sagrados, como a Bíblia, correm o risco de serem interpretados para suprir carências individuais; torna-se um livro de autoajuda. A religião fica colocada a serviço do bem-estar e da satisfação pessoal. Ela é privatizada e, por isso, moldada para responder às necessidades do indivíduo. Afinal, na *modernidade líquida*, o sofrimento é um produto estragado que precisa ser retirado das prateleiras da existência e a felicidade se faz no aqui e no agora; tudo que a ameaça deve ser eliminado. Para Bauman, na *modernidade líquida*, “os homens e as mulheres são naturalmente tentados a reduzir a complexidade de sua situação a fim de tornarem as causas do sofrimento inteligíveis e, assim, tratáveis” (2000, p. 52).

Para Melchior, os contemporâneos se entendem como centro da vida, e todas as coisas devem estar a serviço de seus desejos. Até mesmo Deus, se quiser assegurar sua existência, deve se enquadrar nesse esquema. Caso contrário, também será expulso da existência humana (2009, p. 2). Esse é um dos motivos do expressivo crescimento de denominações religiosas intimistas, sobretudo nas correntes neopentecostalistas, em que se promete o alívio imediato de sofrimentos e angústias.

O processo de secularização na *modernidade líquida* não almeja o fim da religião, mas que o ser humano seja o seu centro. Quase sempre,





não importam as normas morais e os compromissos éticos da religião, desde que esta ofereça a felicidade imediata. A felicidade eterna ficou no imaginário dos medievais. O contemporâneo quer experimentar agora a felicidade, pois esperar não é algo possível quando se está imerso na liquidez e na compulsão dos tempos atuais.

Consequências na vida dos universitários

No ambiente universitário, a escassez de tempo também se faz perceptível. A falta de tempo é uma marca da vida estudantil, e os universitários estão sempre sobrecarregados de textos para ler, trabalhos para fazer, pesquisar para realizar, estudos a serem colocados em dia. Quando se considera que cerca de 70% dos universitários trabalham⁵, isso fica ainda mais grave. Administrar o tempo do trabalho, do lazer e de outros interesses de forma a não prejudicar a vida acadêmica é tarefa árdua. Se se considera que o objetivo principal de um universitário é estudar para terminar o curso e conseguir um emprego que lhe dê estabilidade, a prioridade deverá ser dada às tarefas acadêmicas. Diante de tanta coisa a fazer, arranjar tempo para a prática religiosa, frequentando um grupo, associação ou pastoral é perder tempo. A ação pastoral da PU deve estar atenta a essa realidade dos universitários, para não traçar planos utópicos que exigirão muita dedicação. Deve-se levar em consideração que

[...] Só restam ao estudante os fins de semana e os feriados para corresponder com mais calma e profundamente a essas exigências, principalmente às vésperas de provas e exames. E, com isso, é quase nada o tempo que sobra para a formação do grupo cristão, para o desenvolvimento de seu processo pedagógico, para a programação de sua ação apostólica (GUSSO, 1977, p. 17).

São muitas atividades a serem realizadas: trabalhos, seminários, provas, etc. O presente é tão exigente, que não sobra espaço para pensar a eternidade. Para o contemporâneo, marcado pelo presentismo, o inferno e o céu se projetam no agora e para o universitário essas realidades se dão nos resultados das atividades acadêmicas. Uma reprovação pode custar a liquefação de todo um projeto pré-estabelecido, seja por ele, seja pelos seus familiares.

Entende-se que o destino de cada indivíduo está em suas próprias mãos e somente ele é capaz de tornar realidade o que foi projetado.

5 Segundo pesquisa feita por IDP – Instituto Data Popular, em 2012.





Com isso, a preocupação em pedir ajuda ao transcendente para a realização das atividades se tornou desnecessária, visto que o ser humano se entende capaz de superar com esforços os seus problemas.

Para Bauman, o contemporâneo não tem mais interesse pela vida eterna:

A ideia de auto-suficiência humana minou o domínio da religião institucionalizada não prometendo um caminho alternativo para a vida eterna, mas chamando a atenção humana para longe desse ponto; concentrando-se, em vez disso, em tarefas que os seres humanos podem executar enquanto ainda são “seres que experimentam” – e isso significa aqui, nesta vida (BAUMAN, 1998, p. 213).

Em meio a esse contexto, a PU vê-se na obrigação de nadar contra a corrente, pregando o bem-comum e constituindo comunidades dentro das universidades. Todavia, emerge o problema de encontrar um ponto em comum para congregar essas comunidades, levando em consideração que o presentismo pós-moderno exige resultados imediatos. Acrescenta-se a isso a escassez do tempo dos universitários. Por isso, é preciso “promover a interação, o diálogo e a unidade dos diversos grupos cristãos presentes na vida e no contexto que as Instituições de Ensino Superior estão inseridas” (CNBB, 2013, p. 13).

O método de demonizar o novo e o inexplicável aos olhos da religião funcionou bem na Idade Média, mas não se aplica na pós-modernidade. Em vez de demonizar a realidade atual e se estagnar no saudosismo em que a maioria das pessoas era católica e que ser católico dava um status social, a PU deve olhar para a atualidade como um campo de missão, não nos moldes proselitistas, mas numa perspectiva de diálogo e de encontro pessoal com Cristo. Cada período tem seus desafios, que podem ser superados por meio de uma pastoral intimamente ligada à realidade. Os bispos da América-Latina e Caribe ousaram reconhecer os limites da ação evangelizadora da Igreja na atualidade:

Na evangelização, na catequese e, em geral, na pastoral, persistem também linguagens pouco significativas para a cultura atual e em particular para os jovens. Muitas vezes as linguagens utilizadas parecem não levar em consideração a mutação dos códigos existencialmente relevantes nas sociedades influenciadas pela pós-modernidade e marcadas por amplo pluralismo social e cultural. As mudanças culturais dificultam a transmissão da Fé por parte da família e da sociedade. Frente a isso, não se vê uma presença importante da Igreja na geração de cultura, de modo especial no mundo universitário e nos meios de comunicação social. (DAp, 2007, p. 55)





Os princípios cristãos continuam tendo sua validade, todavia a metodologia com que esses são apresentados talvez não corresponda à realidade pós-moderna. Provavelmente seja por isso que frequentemente se observam líderes religiosos lamentando o insucesso das missões. Visto que o método continua o mesmo em tempos que exigem outros. O caráter eterno do discurso religioso, por si, não atrai o homem da *modernidade líquida*, que vê suas referências humanas e teóricas se dissolverem constantemente.

Como antes, o corpo continua mortal e portanto transitório, mas sua brevidade parece uma eternidade quando comparada à volatilidade e efemeridade de todos os quadros de referência, pontos de orientação, classificação que a modernidade líquida põe e tira das vitrines e prateleiras. A família, os colegas de trabalho, a classe e os vizinhos são fluidos para que imaginemos sua permanência e os creditemos com a capacidade de quadros de referência confiáveis. (BAUMAN, 2001, p. 227-229).

O contemporâneo está fragmentado e sedento por realização. Acrescenta-se a isso o cansaço das meta-narrativas das instituições religiosas e da ciência, que prometem a felicidade, mas não atingem os problemas cotidianos. Mais do que discursos eloquentes, o indivíduo quer um *post* de poucas linhas nas redes sociais que possa alimentar seu desejo por realização. Por isso, a objetividade pode ser um caminho a ser trilhado pela PU para fazer pastoral nessa liquidez pós-moderna. Deixar de lado os esquemas prontos e dar oportunidade à novidade do espírito parece ser arriscado, mas é preferível arriscar a ficar estagnado nos esquemas saturados pelo tempo.

A *modernidade sólida* colocou o protagonismo nos esquemas, deixando o indivíduo como coadjuvante. Na *modernidade líquida*, o indivíduo quer ser protagonista de sua história. Por isso, é preciso se emancipar de tudo que cerceia, inclusive dos esquemas rígidos de espaço e tempo, cuja compreensão mudou com a chegada do mundo virtual. Este possibilita o acesso a um mundo de informações com um simples clique sem sair do lugar.

[...] a passagem da fase “sólida” da modernidade para a “líquida” - ou seja, para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam. É pouco provável que essas formas, quer já presentes ou apenas vislumbradas,





tenham tempo suficiente para se estabelecer, e elas não podem servir como arcabouços de referência para as ações humanas, assim como para as estratégias existenciais a longo prazo, em razão de sua expectativa de vida curta: com efeito, uma expectativa mais curta que o tempo que leva para desenvolver uma estratégia coesa e consistente, e ainda mais curta que o necessário para a realização de um “projeto de vida” individual (BAUMAN, 2007, p. 7).

A *modernidade líquida* exige da Igreja uma atitude de abertura. Desde o Concílio Ecumênico Vaticano II, essa abertura tem sido propalada. Atualmente, o papa Francisco convoca a Igreja para uma atitude de saída, isto é, chama a comunidade eclesial a abrir as portas, rever as estruturas e, especialmente, dialogar com o mundo.

Entre a indiferença egoísta e o protesto violento, há uma opção sempre possível: o diálogo. [...] Um país cresce, quando dialogam de modo construtivo as suas diversas riquezas culturais: cultura popular, cultura universitária, cultura juvenil, cultura artística e tecnológica, cultura econômica e cultura familiar e cultura da mídia (FRANCISCO, 2013, p. 42).

Um olhar de esperança

O Documento de Aparecida nos ensina que

A pastoral da Igreja não pode prescindir do contexto histórico onde vivem seus membros. Sua vida acontece em contextos socioculturais bem concretos. Essas transformações sociais e culturais representam naturalmente novos desafios para a Igreja em sua missão de construir o Reino de Deus. Dai nasce, na fidelidade ao Espírito Santo que a conduz, a necessidade de uma renovação eclesial que implica reformas espirituais, pastorais e também institucionais (§ 367).

O Papa afirma que é preferível “uma Igreja acidentada, ferida, enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (Evangeli Gaudium, 49). Com isso, no âmbito universitário, a PU deve se abrir ao diálogo com todos, buscando estabelecer laços que fortifiquem a vida comunitária na academia, mesmo que para isso sejam necessários os embates de ideias.

Portanto, em meio a esse *ethos* líquido, em que a única certeza que temos é de que tudo é incerto, a PU vê-se obrigada a rever suas práticas pastorais. Nossa sociedade é regida pela conectividade, mas que não gera conexão entre as pessoas, sendo que as interações são realizadas





mais com as telas. Agrega-se a isso o imediatismo que não almeja a eternidade, mas a vivência extrema de cada momento desta vida. Por isso, é pertinente olhar para a realidade e constatar os limites e as possibilidades da PU, para pensar o agir pastoral nesses tempos líquidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. Em busca da política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

_____. Medo líquido. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

_____. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. O Mal Estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENTO XVI, Papa. Homilia de sua Santidade Bento XVI - Colônia, Esplanada de Marienfeld - Domingo, 21 de agosto de 2005. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20050821_20th-world-youth-day.html>. Acesso em: 29 de julho 2017.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 1ª edição, 2008. 15ª reimpressão, 2014. Brasília: Edições CNBB, São Paulo: Paulus/Paulinas; 2014.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium – A Alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. 1ªed. Brasília: Edições CNBB, 2013.

IDP – Instituto Data Popular – Universitários são da nova classe média. Disponível em: <http://economia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2012/10/09/7-em-cada-10-universitarios-sao-da-nova-classe-media-diz-pesquisa.jhtm>. Acesso abril de 2015.

LIBANIO, João Batista. Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MELCHIOR, Marcelo do Nascimento. A religião pós-moderna em Zygmunt Bauman. In: XI Simpósio nacional da associa-





ção brasileira de história das religiões. 2009. Goiânia. Anais... Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wpcontent/uploads/2013/01/art_MELCHIOR_pos_moderna_bauman.pdf>. Acesso em: 18 set. 2016.

NERY, Alberto Domeniconi; VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. Individualização e Fragmentação: efeitos da Pós-Modernidade no Cristianismo contemporâneo. *Ciências da Religião: história e sociedade*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 118-132, dez. 2014.



A VIDA CONSAGRADA E O CONTEXTO ATUAL

VINÍCIUS AUGUSTO RIBEIRO TEIXEIRA¹

Nesta breve abordagem, lançaremos um olhar sobre o contexto sócio-cultural do mundo contemporâneo (1), considerando algumas nuances que desafiam e interpelam a fé cristã (2) e a Vida Consagrada (3). Como seguidores de Jesus Cristo, somos chamados a viver e testemunhar os valores e as exigências do Evangelho precisamente nesta hora histórica de tantos riscos e possibilidades.

Secularização, crise de sentido e surto religioso

A fragmentação cultural, social e religiosa tem provocado um mal-estar generalizado, desencadeando em muitas pessoas sensações profundas de insegurança, angústia, frustração e ansiedade, quando não verdadeiros desequilíbrios emocionais e psíquicos. A esse complexo fenômeno, os estudiosos denominam *crise de sentido*. Ele não se reduz aos “*múltiplos sentidos parciais que cada um pode encontrar nas ações cotidianas que realiza, mas ao sentido que dá unidade a tudo o que existe e nos sucede na experiência, e que os cristãos chamam de sentido religioso*” (DA 37)². Todas essas tendências e impactos culturais se verificam com maior incidência no mundo urbano, mas não deixam de influenciar o ambiente rural, devido sobretudo aos efeitos da globalização (ou mundialização, como

1 Presbítero da Congregação da Missão (Vicentinos ou Lazaristas). @: viniciusaugustocm@gmail.com.

2 Citamos assim o texto oficial do Documento de Aparecida.





preferem alguns autores), abrangentes embora desiguais, e à ampla difusão dos meios de comunicação, particularmente as pulverizadas redes sociais, com os ganhos e riscos que apresentam. Quando se perde de vista a dimensão transcendental da existência, prescindindo-se da experiência religiosa, circunscrevendo seu movimento e sua meta na própria interioridade, na história ou na natureza (immanentismo), estreita-se o horizonte da vida e de suas relações fundamentais. Com efeito, *“a força integradora do sagrado permite que todas as realidades criadas adquiram a partir dele seu sentido, seu valor, sua consistência. Afastar-se do sagrado é submeter-se à anomia, à perda de sentido, ao caos”*³.

Em outros termos, quando o *sentido religioso* se encolhe, dilui-se a unidade dinâmica entre o ser e o agir, o eu se impõe como critério absoluto e arbítrio inquestionável, debilita-se o reconhecimento objetivo da dignidade humana, os valores éticos se esfumam, as aspirações mais radicais cedem à tirania dos desejos efêmeros, a consciência ecológica se apequena, o empenho sócio-transformador se empobrece ou degenera em ideologias sectárias e narcisistas, destituídas de princípios e finalidades claras. Instaura-se, portanto, um *vazio existencial*, o qual, muitas vezes, se tenta preencher sorvendo com sofreguidão cada instante para depois lançar-se no tédio do isolamento (facilitado, hoje, pelo mundo virtual), na compulsão do sexo ou na avidez do consumo. Todas essas tendências, fortemente atuantes na cultura pós-moderna, contribuem para o esmaecimento do sentido da vida e a banalização dos valores, sentimentos e atitudes que enobrecem o ser humano, suas opções e ações. Tudo isso para dizer que, separado de Deus, o homem se torna uma ameaça para si e para os outros.

Entretanto, sempre de novo, *“a crise de sentido e de valor permite que, facilmente, se provoquem nas pessoas necessidades e desejos religiosos”*⁴. Na América Latina, o processo de secularização, com suas feições de autonomia e indiferença, avança ao lado de um singular e complexo *surto religioso*. Tal fenômeno, em sua estonteante pluralidade de formas e expressões⁵, caracteriza-se pelo afastamento das tradições formais, pela ênfase na subjetividade e pela busca sequiosa de satisfação na gigantesca variedade de produtos religiosos colocados à disposição de todos. Em face dessa religiosidade subjetiva e fluida, de forte conteúdo

3 LIBANIO, João Batista. *A religião no início do Milênio*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 94. Nesta obra magistral, o autor analisa pormenorizadamente o fenômeno religioso contemporâneo, distinguindo suas formas, causas e consequências.

4 LIBANIO. *A religião no início do Milênio*, p. 39.

5 Como assegurava o grande teólogo pastoralista Alberto Antoniazzi, referindo-se ao cenário religioso brasileiro: “A grande tendência das últimas décadas ou da modernidade, no campo religioso, é a diversificação e a fragmentação” (citado por LIBANIO. *A religião no início do Milênio*, p. 25).





afetivo-emocional, perde espaço a religião institucional, organizada socialmente, que estrutura ritos, símbolos e doutrinas, transmitindo-os sob a forma de tradição a uma coletividade de adeptos. Demite-se a dimensão propriamente objetiva da fé, aquela que, apoiada em um dado transcendente ou em uma palavra revelada, solicita adesão, conversão e compromisso da parte do *homo religiosus*⁶. Constata-se, portanto, um deslocamento de tradições institucionalizadas e mesmo de (con)fusões sincretistas para intimismos acomodados a conveniências espirituais ou a práticas estanques, selecionadas conforme o gosto e a urgência de cada indivíduo. Cresce o número de pessoas desvinculadas das denominações religiosas e sempre à procura de experiências que lhes comuniquem sentido, vigor e esperança, não importando de onde ou de quem provenham as respostas para suas inquietações existenciais (instituições tradicionais, grupos autônomos, movimentos pentecostais, nova era, neopaganismo, tendências diversas, etc). Na observação de J. B. Libanio, uma perfeita síntese da “*secularidade sagrada*” que configura o fenômeno religioso contemporâneo na América Latina: “*De dentro do anúncio da morte da religião e da secularização em avanço, brota o rebento robusto e cheio de vida das mais diferentes expressões religiosas*”⁷.

Em nossos dias, as experiências religiosas mais recorrentes tendem a estacionar no próprio sujeito, gravitando entre a profundidade de sua alma e a vastidão do universo. Desse modo, a noção de Deus se vê facilmente reduzida à medida de qualquer realidade cósmica, ou colocada a serviço de ideologias ou confundida com estados psíquicos e arroubos emocionais. Não se evidencia com clareza a distinção entre o Criador e as criaturas, dando margem a velhos e novos panteísmos e a formas veladas de idolatria, centradas no ter, no prazer e no poder⁸.

O posicionamento cristão

Frente às pretensões secularistas, que afirmam sem cessar a irrestrita autonomia de tudo e de todos em relação à religião e a Deus, e tendo presente a complexidade das irrupções religiosas de cunho mais subjetivo e de suas derivações (e degenerações), os cristãos se veem interpelados a uma adesão mais convicta e vigorosa ao Evangelho como

6 Libanio dedica todo um capítulo de sua obra a uma interessante delimitação conceitual dos três campos semânticos: religião, religiosidade e fé, evidenciando distinções e convergências (cf. LIBANIO. *A religião no início do Milênio*, p. 87-110).

7 LIBANIO. *A religião no início do Milênio*, p. 11.

8 Cf. BRATTI, Paulo. *Criatividade e fidelidade* (1976). In: BESEN, José Arturino (org.). *Padre Paulo Bratti: um pecador que Deus amou*. Florianópolis: FACASC, 2016, p. 161.





inspiração permanente de sua experiência de fé e norma suprema de seu agir na história. “O homem de fé é um peregrino, mas não caminha às cegas, ao sabor dos ventos da história, porque iluminado pela Palavra de Deus, que é ‘luz para nossos passos e lâmpada para nosso caminho’ (Sl 118, 105)”⁹. Com efeito, o cristianismo não é uma criação do espírito humano, como são, em geral, os mitos religiosos.

A fé cristã se baseia no fato de Deus, ‘depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos Profetas, ter enviado seu Filho, o Verbo eterno que ilumina todos os homens, para que habitasse entre os homens e lhes expusesse os segredos de Deus’ (Dei Verbum, 4). Deus, portanto, revelou-se na história, e, em Jesus Cristo, disse uma palavra definitiva sobre o destino do homem e do mundo. Não se ultrapassa jamais Jesus Cristo. E ‘Deus dispôs que aquelas coisas que revelara para a salvação de todos os povos permanecessem sempre íntegras e fossem transmitidas a todas as gerações’ (Dei Verbum, 7). Há, portanto, uma Revelação objetiva, constituída, à qual se deve a ‘obediência da fé’ (Rm 16,26), o ‘obséquio pleno do intelecto e da vontade’ (Dei Verbum, 5)”¹⁰.

A ninguém, esteja dentro ou fora da Igreja, cabe alterar, adulterar ou manipular a mensagem recebida. Todavia, a adesão à realidade objetiva da fé se dá por “*uma fidelidade dinâmica, pois nosso conhecimento da Revelação pode e deve crescer pela contemplação, pelo estudo, pela experiência, pela pregação (cf. Dei Verbum, 8)*”. Conclui, pois, o autor: “*O fato de aceitarmos o Evangelho ‘pela audição’ (Rm 10, 17), não significa que estamos condenados ao imobilismo do já-dito e do já-feito, pois a verdadeira fé é eminentemente criadora, mas sempre dentro de uma inteira fidelidade ao Senhor e à sua Palavra*”¹¹. É sempre à luz da Revelação, e não primordialmente de critérios psicológicos ou sociológicos, que se movem a experiência religiosa e o ato de crer. Para saciar a sede de sentido que inquieta o mundo contemporâneo, os cristãos só podem oferecer a água colhida nas fontes da Revelação. Esta é a água que os sacia e que, fielmente acolhida e criativamente transmitida, se mantém límpida e cristalina, recriando-se e atualizando-se graças ao Espírito que a torna viva e eficaz.

Como seguidores de Jesus Cristo, cremos firmemente na força transformadora de sua mensagem, capaz de comunicar vida e esperança a todo ser humano, bem como enriquecer e purificar toda cultura que se expõe à sua luz, tendo como centro dinamizador a caridade que procede de Deus e nos irmana uns aos outros (cf. 1Jo 4,7). Como re-

9 BRATTI. Criatividade e fidelidade (1976), p. 155.

10 BRATTI. Criatividade e fidelidade (1976), p. 156.

11 BRATTI. Criatividade e fidelidade (1976), p. 157.





cordaram os últimos Pontífices (João Paulo II, Bento XVI e Francisco), em que pesem as variações nas ênfases adotadas, a perene atualidade do Evangelho, com suas luzes e exigências, constitui o princípio e o fundamento da Nova Evangelização. A transmissão da mensagem contida na vida e na missão de Jesus Cristo, núcleo estruturante da fé cristã, requer sabedoria, coragem e perseverança da parte de todo o povo de Deus¹². Por meio do testemunho, serviço, diálogo e anúncio, a Igreja é chamada a fazer ressoar essa Boa Nova de salvação em todos os corações e em todos os recantos do mundo, confortada pela companhia de seu Senhor (cf. Mt 28,20) e reiterando sua fidelidade ao Reino, “reino eterno e universal, reino da verdade e da vida, reino da santidade e da graça, reino de justiça, do amor e da paz”¹³. A constatação de um experimentado teólogo aponta para um exigente panorama evangelizador frente à busca de sentido que lateja em cada ser humano:

Considerando que o novo interesse pela religião deve-se ao fato de que só dela, e não mais das ideologias e das morais laicas, pode-se hoje esperar um sentido consistente para a vida, o novo ponto de inserção do querigma será a busca de sentido. Daí que a pastoral consistirá em mostrar Cristo como ‘caminho, verdade e vida’, ou seja, como o único que pode encher a vida de sentido, um sentido que seja plenamente satisfatório. Efetivamente, porque a questão do sentido é uma questão essencialmente existencial, nenhuma doutrina moral e muito menos uma visão ideológica poderão resolvê-la, mas tão somente a fé religiosa”¹⁴.

No contexto de uma radical “*mudança de época*”, a Igreja na América Latina se sente desafiada “*por novas turbulências sociais e políticas, pela difusão de uma cultura distante e hostil à tradição cristã e pela emergência de variadas ofertas religiosas que tratam de responder, à sua maneira, à sede de Deus que nossos povos manifestam*” (DA 10). Esta Igreja, que se compreende como “*morada de povos irmãos e casa dos pobres*” (DA 8), vê-se também impelida “*a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais*”, sem jamais ceder ao pessimismo e ao desânimo, nem deter-se na superficialidade e no conformismo, adaptando-se às circunstâncias, mas não se desvirtuando do centro e da meta que a fé cristã lhe indica. Para isso, nada mais ur-

12 Cf. ÁLVAREZ, Félix. Reflexiones a propósito de la Nueva Evangelización. *Anales*, Madrid, tomo 121, n. 2, marzo | abril 2013, p. 125-140. Diz o autor: “*A missão que o Senhor confia a todos os membros do Novo Povo de Deus requer a coragem, a audácia e o profetismo das melhores épocas da Igreja*” (p. 140).

13 Prefácio da Solenidade de Cristo, Rei do Universo.

14 BOFF, Clodovis. Espiritualidade e pastoral: sugestões para a pastoral da educação. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, vol. 75, n. 298, abril | junho 2015, p. 388.





gente do que *voltar a Jesus Cristo*, em cuja pessoa a Igreja contempla seu referencial fundante e em cujo seguimento redescobre seu caminho. Cristo é o único capaz de remeter a Igreja ao seu mistério e revigorá-la em sua missão. Mistério de graça e santidade, missão de evangelização e serviço. Só assim, poderá a Igreja “*confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que desperte discípulos-missionários*” (DA 11), empenhando-se para que “*a fé, a esperança e o amor renovem a vida das pessoas e transformem as culturas dos povos*” (DA 13). Afinal, “*o que nos define não são as circunstâncias dramáticas da vida, nem os desafios da sociedade ou as tarefas que devemos empreender, mas o amor recebido de Deus, graças a Jesus Cristo pela união do Espírito Santo*” (DA 14).

A Vida Consagrada neste contexto

A VC está mergulhada nesta sociedade secularizada e, portanto, não escapa ao perigo de ter diluída sua identidade mais profunda. Tal perigo apresenta-se sub-repticiamente e, não raro, imiscui-se na vida cotidiana dos mais incautos e agitados. É o que se percebe, por exemplo, entre aqueles que, embora dedicados a atividades e obras de relevância eclesial, ou de notável projeção social, ou ainda de primeira necessidade para as instituições a que pertencem, não advertem o vazio espiritual que se lhes invade. Este vazio costuma se manifestar em um código implícito de conduta, segundo o qual é correto discorrer sobre justiça social, conjuntura política, técnicas de gestão e administração, ecologia integral, mas não propriamente sobre Cristo e seu Evangelho¹⁵. Se é verdade que a boca fala da abundância do coração (cf. Mt 12,34), calar-se sobre o núcleo da fé cristã pode apontar para a necessidade e a urgência de *evangelizar a própria vocação*, enchendo novamente o coração daquilo ou melhor daquele a quem devemos anunciar e cujo projeto somos chamados a viver, sem deixar de ter em conta as esferas acima mencionadas, também elas importantes e necessárias, ainda mais quando iluminadas pela fé. Contudente e clara é a exortação do papa Francisco:

15 Não faz muito tempo, foi distribuída esta composição do conceituado poeta Mário Quintana a um grupo de padres reunidos para seu retiro anual: “Se eu fosse um padre, eu, nos meus sermões, não falaria em Deus nem no Pecado — muito menos no Anjo Rebelado e os encantos das suas seduções, não citaria santos e profetas: nada das suas celestiais promessas ou das suas terríveis maldições... Se eu fosse um padre, eu citaria os poetas, rezaria seus versos, os mais belos, desses que desde a infância me embalaram e quem me dera que alguns fossem meus! Porque a poesia purifica a alma... E um belo poema — ainda que de Deus se aparte — um belo poema sempre leva a Deus!”. Bem sabemos, porém, em que pese o apreço que se deve ter pela arte poética — inclusive como caminho para Deus — que, a uma pessoa consagrada, não lhe basta fazer poesia. É preciso, sim, falar de Deus, com ou sem poesia, sem dele jamais se apartar!





A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por ele que nos impele a amá-lo cada vez mais. Com efeito, um amor que não sentisse a necessidade de falar da pessoa amada, de apresentá-la, de torná-la conhecida, que amor seria? Se não sentimos o desejo intenso de comunicar Jesus, precisamos deter-nos em oração para pedir-lhe que volte a cativar-nos. Precisamos implorá-lo cada dia, pedir sua graça para que abra nosso coração frio e sacuda nossa vida tibia e superficial¹⁶.

Em meio à enxurrada midiática que nos arrasta, corremos o risco de nos tornar sempre mais superficiais, dispersivos e pragmáticos. As tendências mais fortes do mundo globalizado sempre nos conduzem a viver do lado de fora, na “correria”, no barulho, nas margens. Interioridade, consistência, profundidade, amadurecimento vão se tornando cada vez mais raros, assim como silêncio, contemplação, reflexão vão se constituindo em realidades cada vez menos familiares às pessoas consagradas. Muitas vezes, não faltam convicção e desejo. O que nem sempre se faz presente é o empenho em buscar o essencial, em colocar-se nas disposições necessárias à progressiva internalização de tais valores, o que supõe mística e ascese, acolhimento da graça e compromisso da liberdade.

É claro que a verdadeira questão com a qual a VC é confrontada hoje é sobretudo a de uma letargia espiritual e falta de fé. Só podemos ser pessoas entusiasmadas pela missão de Jesus se levarmos uma vida de necessária ascese e de intimidade com Deus, sempre com os pés firmemente enraizados nas realidades que nos rodeiam. Ascese se tornou uma expressão ultrapassada, inclusive entre nós, consagrados(as). Entretanto, não podemos pensar em verdadeira interioridade sem enraizamento em Cristo, sem uma caminhada pascal¹⁷.

Como consequência de uma *secularização interior* mais ou menos consciente, despontam adesões parciais e seletivas à consagração, ou seja, vivem-se apenas aqueles aspectos que mais agradam ao ego ou que se mostram mais ajustados a conveniências e interesses pessoais: fabrica-se uma espiritualidade de muitos matizes, alguns até alheios à fé cristã (práticas de corte esotérico, por exemplo); escolhem-se as pessoas com quem se quer conviver e os lugares onde se deseja

16 *Evangelii gaudium*, n. 264.

17 KALLUPURAKKATHU, Mary Sujita. Enracinées dans le Christ, nous portons du fruit dans la mission. Intervention donnée aux membres de l'Assemblée General (20 mai 2015). *Echos de la Compagnie*, Paris, n. 4, juillet|août 2016, p. 256. Um pouco mais à frente, a autora levanta pertinente questionamento: “Será que nossa ênfase na profissionalização e no sucesso em nossos serviços, assim como nosso desejo de conforto e segurança não teriam substituído a chama interior de nossa VC e expulsado a centelha profética de nossos corações?” (p. 259).





trabalhar; elegem-se as atividades que se revelam mais condizentes com as aptidões particulares; priorizam-se as virtudes mais fáceis de incorporar à própria personalidade; desenvolve-se um estilo de vida híbrido, desprovido de convicções e compromissos, adaptado a modas e tendências, centrado no indivíduo; legitima-se psicologicamente todo tipo de postura e justifica-se sem dificuldade qualquer procedimento, porque “cada um é um”, “gosto não se discute”, “depende de cada pessoa”, “só Deus pode julgar”, etc. A recusa dos valores e princípios objetivos faz nascer o consagrado *light*, superficial, inconsistente, descafeinado, líquido, debilitado na fé, na caridade, na missão, na comunidade, nas virtudes, nos conselhos evangélicos, em seu núcleo identitário¹⁸. E tal arrefecimento pode se efetivar ou se agravar em qualquer etapa da vida.

Há muitos anos, teólogos de reconhecido calibre já tinham demonstrado semelhante preocupação, ao dizer, por exemplo, que a VC da América Latina, comprometida com a transformação das estruturas sociais, “*não pode esquecer a necessidade de a fé iluminar suas opções e de a gratuidade do Reino ser transparente em sua vida toda*”. E acrescenta que o enfoque teológico-pastoral adotado, seja qual for, “*não exime a VC de atuar com Espírito, nem a livra dos erros e falhas humanas em sua trajetória concreta*”. Com efeito, “*a importância da espiritualidade e da mística neste tipo de VC é algo comumente admitido, mas sua práxis cotidiana nem sempre é fácil. Não basta achar o Senhor no pobre. É preciso saber encontrá-lo também na Palavra, na Eucaristia e no silêncio da oração*”, ainda mais porque as exigências da missão “*obrigam naturalmente a recorrer ao Senhor pedindo seu Espírito*”¹⁹. Em outros termos, “*a VC será sempre relevante, significativa e profética, no presente e no futuro, se arriscarmos viver apaixonados por Jesus Cristo e com uma compaixão ativa por todo o povo de Deus*”, ou seja, se soubermos cultivar uma interioridade dinâmica e transbordante, que se torna visível na missão assumida por amor ao Senhor e aos irmãos. Com efeito, sabemos que estamos enraizados em Cristo quando somos capazes de manter vivo seu ideal de adoração e serviço em nosso estilo de vida, deixando nossas zonas de conforto para assumir criativamente os desafios e as exigências da vocação que abraçamos²⁰.

18 Cf. GONZÁLEZ-CARVAJAL, Luis. La fe de Vicente de Paúl ante una sociedad de increencia. Anales, Madrid, tomo 118, n. 3, mayo-junio 2010, p. 281-283.

19 CODINA, Víctor. Teologias da Vida Religiosa. In: CODINA; ZEVALLOS, Noé. Vida Religiosa: história e teologia. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 172-173.

20 Cf. KALLUPURAKKATHU. Enracinées dans le Christ, nous portons du fruit dans la mission, p. 249-251.256.





Se a pessoa de Jesus Cristo deixa de ser o princípio estruturante, a ação evangelizadora e o empenho sócio-transformador correm o risco de degenerar em esquemas ideológicos e atividades meramente filantrópicas, porque destituídos de um fundamento que lhes dê solidez e de um horizonte mais amplo que os arroje. Tal fundamento e tal horizonte são fornecidos pela fé, que nos possibilita viver e atuar no espírito de Cristo, impulsionados por sua caridade compassiva e operosa, prolongando sua missão salvadora que compreende e abarca o ser humano em sua complexa totalidade. Recorda-nos, a propósito, o DA:

No seguimento de Jesus Cristo, aprendemos e praticamos as bem-aventuranças do Reino, o estilo de vida do próprio Jesus: seu amor e obediência filial ao Pai, sua compaixão entranhável frente à dor humana, sua proximidade aos pobres e aos pequenos, sua fidelidade à missão encomendada, seu amor serviçal até a doação de sua vida. Hoje, contemplamos a Jesus Cristo tal como os Evangelhos nos transmitiram para conhecer o que ele fez e para discernir o que nós devemos fazer nas atuais circunstâncias (n. 139).

Como ícone da caridade de Cristo e testemunha de sua compaixão por todos os que se acham “cansados e abatidos” (Mt 9,36), poderá a VC desempenhar sua tarefa evangelizadora com fidelidade criativa e alegre, com convicção e paixão, com gratidão e esperança.

Para refletir e partilhar:

1. Como e onde percebemos maior incidência dos impactos e tendências do contexto atual?
2. Como a Igreja tem se posicionado frente às interpelações e apelos da sociedade contemporânea?
3. Quais as repercussões do atual cenário sócio-cultural na VC, em seus membros, em suas relações e em seus empenhos internos e externos?





REFLEXÕES SOBRE AS DIFICULDADES DE RELACIONAMENTO INTERPESSOAL EM COMUNIDADES RELIGIOSAS DE VIDA CONSAGRADA A PARTIR DA ABORDAGEM SISTÊMICA

PE. CLEBER WILLIAN LOPES POMBAL, OMI¹

Vida Comunitária

Origens

O ser humano é por natureza um ser sociável que busca do nascimento à morte alguém para se relacionar (COLOMBERO, 2007). Em virtude disso, o relacionamento interpessoal é o que dá sentido à vida. Portanto, é algo inato em nós e, desde a concepção até a morte, buscamos os demais. É a partir do encontro com o outro que o ser humano cresce e desenvolve suas potencialidades. Os encontros interpessoais acontecem sempre em grupos: na família, na escola, na igreja, em grupos de afinidades, dentre outros.

¹ Currículum do Autor: Pe. Cleber Willian Lopes Pombal, é religioso/sacerdote da Congregação dos Missionários Oblatos de Maria Imaculada; formado em Teologia na Universidade Católica da Bolívia, com convalidação na Faculdade Dehoniana em Taubaté; Pós-graduado em Relações familiares com abordagem sistêmica, na Universidade Salesiana de Manaus. Exerceu os primeiros anos do ministério em Manaus/AM. Atualmente é Mestre de Noviços.





Boa parte dos estudiosos afirmam que, desde que nos tornamos *homo sapiens*, possuímos características comuns, sendo umas delas a tendência a viver em grupos, em comunidades (DE OLIVEIRA, 2013).

Diferente dos demais animais (que também se relacionam, mas em busca exclusiva da defesa e da sobrevivência), o ser humano procura por um encontro pessoal que dê sentido à existência; é como se algo inacabado existisse e só se complementa no outro (o dito popular: “a cara metade”). Segundo Colombero, “temos uma necessidade irrepresimível de dar e receber afeto” (2007, p. 5).

Com os animais, a organização social é padronizada e se repete há milhões de anos; já entre os seres humanos a vida social está em constante evolução (DE OLIVEIRA, 2013). Por ser evolutivo, o ser humano vai passando constante e progressivamente por processos de adaptação; os padrões pré-estabelecidos, a cultura local, os usos e costumes influenciam diretamente as relações pessoais; sendo assim, qualquer mudança, por menor que seja, implica a readaptação da pessoa e da comunidade a que está inserida. Esses processos podem ser lentos e dolorosos, são dinâmicos e implica o desejo individual e coletivo de crescimento e reorganização.

Outra característica inata ao ser humano é a busca pelo transcendental; segundo Oliveira, “há pelo menos cento e cinquenta mil anos, o ser humano se tornou um ser religioso” (2007, p. 8), ou seja, busca uma religião (do latim *religare*), onde pode experimentar e viver a mística espiritual. Desde o início da experiência religiosa, a busca pelo transcendente é feita em comunidades e transmitida de geração em geração (BAZÁN, 2007). Dessa forma, não existe religiosidade que não passe pela ação concreta com o outro. “Tal relacionamento é, antes de tudo, com a divindade, mas estende-se a todo o universo” (DE OLIVEIRA, 2013).

Vida Religiosa Consagrada (VRC)

AVRC, nas suas origens, nasceu na segunda metade do século III. “A intuição original era ir para o deserto para viver de outra maneira a sua fé” (CASTILLO, 2008). Marcados por um tempo de processo coletivo quando a Igreja deixou de ser perseguida e passou a ser a oficial do estado, alguns cristãos buscaram o deserto para fazer uma experiência diferente de vida cristã. Esses cristãos fizeram um corte radical com o modelo de sociedade vigente ou, como se costuma dizer, “com o sistema estabelecido” (CASTILLO, 2008). Eles buscaram desde o princípio





por um projeto alternativo de vida em um espaço onde poderiam ser cultivados os valores transcendentais do Reino de Deus: a unidade, a fraternidade, a partilha, o relacionamento sadio entre a humanidade.

O espaço onde são cultivados estes valores é a vida comunitária. “Quem escolhe a vida consagrada decide viver com outros, seus semelhantes, numa comunidade” (COLOMBERO, 2007). O encontro com o outro marca o passo do crescimento do grupo, é nessa relação harmoniosa ou disfuncional que está o princípio e a essência da VRC. Enquanto no passado histórico prevalecia a santificação pessoal (no caso dos anacoretas, a solidão), atualmente predomina a importância da dimensão horizontal, a qualidade de estar juntos, com sua dinâmica, suas dificuldades e seu grande potencial de formação, “mas, acima de tudo, como fonte de bem-estar ou mal-estar interior” (COLOMBERO, 2007).

Sonho, Utopia e Realidade

“Tinham um só coração e uma só alma” (At 4,32).

O chamado na vida do cristão acontece por iniciativa de Deus, é Ele quem convida e escolhe dentre os/as fiéis cristãos/as aqueles/as que irão consagrar-se radicalmente por meio da profissão dos votos evangélicos: pobreza, castidade e obediência. Estes/as são convidados/as por Deus a conformar a sua vida à maneira de Cristo: pobre, obediente e casto pelo Reino de Deus, mediante a ação santificadora do Espírito Santo. Para melhor compreender VRC, pode-se dividi-la em três eixos centrais: a consagração, a comunhão e a missão:

A consagração: leva ao encontro com Deus, relação interpessoal com o transcendente, é por onde os/as religiosos/as, através de longo tempo de oração e meditação, buscam purificar suas motivações e aperfeiçoar sua vocação à vida cristã (CNBB², 2013).

A comunhão: viver em comunidade. No dia a dia estão inseridos/as na comunidade e na Igreja local. A característica primordial e básica da VRC é a fraternidade em comunidade (CNBB, 2013). É nela que o/a religioso/a se torna presença viva do Reino. É o espaço onde buscam SER para depois encontrar o sentido do FAZER. Dessa forma, os/as religiosos/as são aqueles/as que vivem em comunidade, e essa experiência comunitária transborda para a “*Diakonia*”, ou seja, o serviço do anúncio do Evangelho.

2 Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.





no tempo e no espaço e servir aos empobrecidos e excluídos da sociedade.

“A tarefa fundamental da vida comunitária é construir uma fraternidade” (COLOMBERO, 2007). Todas as comunidades cristãs, em especial as de VRC, buscam ser um espaço de acolhida fraterna, de comunhão e de participação na missão do Salvador.

A missão: envio a todos e todas. Viver em comunidade para a Missão (DE OLIVEIRA, 2013). A missão é para o serviço, o anúncio do Reino de Deus. No decorrer da história, a VRC foi um espaço de oração e caridade que levou os/as consagrados/as a se dedicarem completamente ao serviço do apostolado. Na missão, além do aspecto do anúncio, também estão a serviço da denúncia das injustiças, que são fruto do pecado pessoal e social, tornando-se, portanto, um serviço profético (PAPA FRANCISCO, 2014).

A experiência de fé em Jesus leva as comunidades religiosas a experimentarem em seu interior os valores do Reino proposto por Ele mesmo. Esses valores desencadeiam em um ideal de vida fascinante: tornarem-se filhos e filhas de Deus, irmãos e irmãs das dores e dos esquecidos, continuar no mundo o milagre iniciado por Jesus: semear amor, solidariedade, solicitude, revelar a compaixão de Deus por nós (COLOMBERO, 2007).

Relacionamento Interpessoal

A Vida Comunitária é feita de pessoas

O elemento essencial que caracteriza a vida comunitária é que ela é feita de pessoas. Cada ser humano é um mistério, pois pertence ao plano da Criação de Deus e, sendo parte, participa da vida divina. Segundo Cabarrus, ela pode ser entendida a partir de duas partes de seu coração: a ferida e o poço (2007, p.15). Na ferida manifesta-se toda sua vulnerabilidade, sua realidade machucada; já o poço é o próprio manancial de possibilidades, o conjunto de forças positivas. Neste mesmo pensamento, Grun afirma que no ser humano existem duas almas: a que anima e a que é animada. “Segundo Carl G. Jung, sempre temos os dois polos dentro de nós: medo e confiança, amor e agressão, tristeza e paz, força e fraqueza” (GRUN, 2012 p. 99).

A grande riqueza da VRC são as pessoas que nela se inserem; cada qual com suas fragilidades, mas com as muitas possibilidades de cresci-





mento e integração. Isto posto, ocorreu que durante muito tempo na vida comunitária foi “negado” à pessoa o seu divino direito à unicidade, ser ela mesma em plenitude (CABARRUS, 2007). Tudo era em vista do comunitarismo (DE OLIVEIRA, 2013), ou seja, o importante não era a pessoa, mas os seus afazeres e necessidades da vida comunitária: os trabalhos pastorais, os ritos e os ritmos da casa, cumprir a risca as regras estabelecidas, os interesses do grupo estavam acima de qualquer coisa. “No comunitarismo, não há lugar para as diferenças e as individualidades” (DE OLIVEIRA, 2013); o FAZER era mais importante que o SER. “O surpreendente fenômeno do monaquismo primitivo demonstra-nos que o decisivo na vida não é o que fazemos e organizamos, mas sim o que somos” (CASTILLO, 2008).

A pessoa, ao entrar em uma congregação ou instituto de VRC, traz consigo toda a história de vida que a fez ser quem é. É a partir desse SER PESSOA que ela pode desenvolver seu trabalho apostólico e missionário.

Existe no inconsciente coletivo um pensamento errado sobre o/a consagrado/a, como se este/a, ao entrar na VRC, fosse um ser “perfeito” e, portanto, não pode errar; tem de ser uma pessoa madura, sempre disponível e serviçal a todos os irmãos e irmãs; na verdade, já teria de ser um “santo”, uma “santa”. Porém, Deus o/a chama no contexto e realidade da vida e da história pessoal, para que o/a consagrado/a possa, no decorrer da caminhada, fazer a experiência de crescer como pessoa humana no caminho do seguimento de Jesus Cristo (dimensão humana e espiritual). Aos poucos e de maneira gradativa, o/a consagrado/a vai fazendo processos diários de “conversão” constante.

Por sorte, desde o Concílio Vaticano II, houve na Igreja uma reavaliação do sentido de pessoa, e conseqüentemente de consagrado/a, que passou a ser mais valorizada em sua singularidade e dignidade (COLOMBERO, 2007). Hoje as pessoas têm consciência da sua singularidade e lutam por isso. “E o respeito por essa singularidade está em plena sintonia com o projeto do Criador, o qual não fez nem faz seres humanos em série” (DE OLIVEIRA, 2013 p.20). Em suma procura-se ter presente, acima de tudo, o humano.

O Encontro com o Outro (alteridade)

“São os outros que nos revelam a nós mesmos” (COLOMBERO, 2007 p.12). Todos/as os/as que são chamados/as à VRC e optam por esta





maneira de viver, decidem viver com outros/as, semelhantes, formando uma comunidade. Mas viver juntos/as, além de trabalhoso, é difícil; é uma escola que custa tempo e determinação para o aprendizado, pois as comunidades são dinâmicas e se transformam a todo momento.

O relacionamento, quando saudável, é um momento propício de crescimento humano para ambas as partes, os vínculos gerados de amizade e respeito contribuem para o amadurecimento do/a consagrado/a e o/a levam a viver uma vida direcionada aos objetivos da VRC. O sinal vermelho é quando o relacionamento é conflituoso, quando as identidades e personalidades se chocam, causando muitas vezes feridas e dores e gerando um espaço comunitário insustentável para uma boa dinâmica de vida fraterna. O/a outro/a poder ser “meu céu” ou não (GRUN, 2012).

Um relacionamento conflituoso poderá causar uma crise entre os/as dois/duas, muitas das vezes afeta toda a comunidade também. É uma situação concreta em que a maturidade humana é posta em questão. A crise pode ser proveitosa para ambos/as, se se perguntarem verdadeiramente, dentro de si mesmos/as, as razões que o/a levaram a este enfrentamento; o que este/a irmão/ã está revelando de mim mesmo/a? Por que gera tanto incomodo?

Estas perguntas podem iluminar o/a consagrado/a e conduzi-lo/a na direção de entender-se a partir da relação com o próximo. “Mas é importante observar que, para isso, foi necessário acolher o diferente, dispor-se a dialogar e aprender, hospedar e interagir com alguém que aparentava não fazer parte da mesma história” (MORRA, 2013 p.37). Infelizmente, nestes momentos de contradições, não poucos/as religiosos/as preferem não enfrentar-se, e acabam por rejeitar tal situação; no entanto, “a rejeição do outro enquanto outro leva à rejeição do próprio Deus, o qual costuma sempre se apresentar como o Outro e nos outros” (OLIVEIRA, 2013 p.13).

Na raiz das motivações de um/a jovem, ao escolher a VRC, está a busca de um ambiente caloroso, acolhedor, hospitaleiro, onde seja possível expressar e receber afeto e SER quem é (COLOMBERO, 2007 p.25). Estas motivações continuam presentes na vida dos/as consagrados/as, pois no íntimo de cada ser humano estas buscas estão sempre presentes, e qualquer sinal de não nos sentirmos acolhidos/as, valorizados/as, respeitados/as em nossa integridade e individualidade pode abrir as feridas existentes na alma de cada um/a.





“Como em qualquer grupo humano, luzes e sombras se misturam e se alternam” (MURAD, 2013 p. 53). Infelizmente, com a VRC não é diferente, ela é feita de pessoas, e o relacionamento entre os semelhantes nem sempre é fácil. Também não poucas vezes as estruturas organizativas da VRC contribuem para o surgimento destes conflitos.

Como já vimos, os/as religiosos/as consagrados/as estão inseridos/as num contexto humano concreto; estão trabalhando no mundo e, por isso, enfrentam também, em sua vida pessoal, os mesmos problemas e conflitos que vive a sociedade.

Vivemos em um contexto desenfreadamente competitivo, onde o FAZER vale muito mais que o SER. Onde se é pelo que se faz e pelo que se consome. O *status quo* é que determina os ciclos e relacionamentos, com isso o TER também torna-se algo importante. E como isso afeta a VRC? Não poucas vezes, encontra-se entre os/as religiosos/as uma necessidade extrema de resultados positivos e de aprovação da parte dos/as outros/as; o consciente ou subconsciente está impregnado da ideia de que se é pelo que se faz e não pela essência. O/a outro/a passa a ser então um obstáculo a ser superado (é preciso ser melhor que o/a outro/a). A competitividade pode ser um obstáculo muito concreto para um bom relacionamento interpessoal, desencadeando, às vezes, processos dolorosos.

Outra questão infelizmente muito encontrada na VRC são as estruturas tradicionais. Já dizia um pensador desconhecido que “Tradição é a fé viva de pessoas mortas”, ou seja, ela é aliada ao/à consagrado/a quando, ao recuperar a história congregacional, ele/a pode traduzi-la de maneira criativa, sem deixar de ser fiel ao carisma fundacional. No entanto, quando se depara com estruturas baseadas no tradicionalismo – “A fé morta de pessoas vivas” – corre-se o risco de negar ao/à consagrado/a o seu direito à individualidade e suprimir sua criatividade, negando-lhe espaço. É o que Murad chama de comunidades de observância, onde as pessoas são subordinadas às normas, sem suas singularidades respeitadas; e onde não existem pessoas, mas funções (fazer), predominam as rotinas sobre os processos e as pessoas.

É inevitável então encontrar comunidades com relações humanas degradadas, com um clima bastante pesado na relações do dia a dia; encontramos consagrados/as feridos/as por mágoas acumuladas, fechados/as em si mesmos/as, com pouca expressão de sentimentos, além do clima de competição já mencionado, ironia no tratamento e muita rigidez. O resultado disso é desastroso: um índice alto de envelhecimento, poucas vocações, e consagrados/as de idade intermediária abandonando o ministério.





Existem ainda dois polos considerados como geradores de conflitos na vida comunitária: o individualismo e o comunitarismo. No individualismo, fruto desta sociedade cada dia mais isolada e com menos relações fraternas, o/a religioso/a acaba visando sempre seu próprio bem-estar, centrado/a no seu protagonismo e não nas decisões tomadas em comunidade, em favor da missão a ele/a encomendada. Já o comunitarismo é o oposto, os interesses do grupo, da comunidade, estão acima da pessoa; neste não há espaço para as diferenças e as individualidades, e além disso nega-lhe o valor da liberdade (DE OLIVEIRA, 2013). Pode ser uma porta segura para que um/a religioso/a comece a viver uma vida dupla, que vai contra seus valores primordiais e o seu chamado àVRC.

Não é difícil perceber como a VRC está influenciada por muitos dos antivalores oferecidos nos dias atuais; o seu objetivo primordial é ser sinal e sacramento de que se pode construir um mundo diferente, relações novas, onde as diferenças e as individualidades são respeitadas, onde as culturas dialogam, onde há espaço para a diversidade. A tarefa é aprender a relacionar-se de uma maneira nova, rompendo paradigmas antigos, deixando o novo acontecer; a boa nova que temos para hoje começa nas nossas vidas. E a abordagem sistêmica pode ser a luz em meio à escuridão que proporcionará àVRC reconstruir as relações feridas, o diálogo interrompido e a perceber estruturas novas que podem contribuir para isso.

Abordagem Sistêmica

Método

A terapia familiar³ sistêmica se assenta numa teoria comportamental da comunicação e numa estratégia pragmática. O conceito-chave para se compreender a noção de família está na ideia de mudança. A Família é um sistema de interação onde se articulam os vários componentes individuais, onde se exploram as relações interpessoais e as normas que regulam a sua vida como um grupo. (RAMOS, 2013).

A família é um sistema aberto, social e auto-organizado, que vive um processo de constante adaptação, portanto susceptível de novas formulações. Ela não é um sistema passivo, mas ativo, onde cada mudança em seu interior irá repercutir no funcionamento familiar, exigindo, assim, um constante processo de adaptação. É um sistema em constante transformação e se adapta a diferentes exigências, assim como a diferentes mudanças: estrutural, interacional e funcional.

3 Leia-se família como a comunidade de vida religiosa consagrada, objeto desse artigo científico.





O sistema familiar deve ser entendido na sua globalidade, nunca se deve ignorar que tudo está relacionado, faz parte das relações e das inter-relações; portanto, o problema apresentado por um só membro da família (subsistema) irá afetar todo o sistema (família); assim, é necessária a escuta atenta de todos os envolvidos no sistema (RAMOS, 2013). De igual maneira acontece na comunidade de VRC: qualquer alteração de contexto implica a readaptação de todos os membros: as transferências, as novas missões, fechamento de casas, doenças, dentre outros, afetam diretamente todo o grupo, e nestas mudanças vão ser criados novos relacionamentos interpessoais.

Tendo em consideração a dinâmica dos relacionamentos familiares, a terapia sistêmica vem ao encontro como uma ferramenta que poderá, sem dúvida, contribuir nesse processo de reorganização estrutural.

O pensamento sistêmico é uma maneira holística de pensar, portanto menos linear (causa e efeito); ele nasceu nos Estados Unidos num contexto de mudança de paradigma: do analítico ao sistêmico. Faz uso dos conceitos da cibernética e coloca a tônica nos estudos das relações e das interações, substituindo a causalidade linear pela circular (VASCONCELOS, 2012).

A terapia familiar sistêmica vai buscar então a teoria geral dos sistemas, ou seja, a noção de sistema que se aplica tanto na compreensão da família como também no processo terapêutico. “Ela entende a família em sua globalidade, como um sistema que cria, através de relações e interações, algo único e não sobreponível à soma das pessoas que a compõem” (MACHADO, 2012).

Sujeito

A terapia familiar sistêmica foca todos os seus esforços no serviço do relacionamento interpessoal da família, respeitando o tempo, a cultura e a estrutura de cada um; o acompanhamento é então social, envolve todos os membros; o problema de um está de alguma maneira partilhado entre todos e é fruto e resultado desses relacionamentos disfuncionais.

As comunidades religiosas são uma família; ainda que não ligados/as pelos laços sanguíneos, os/as religiosos/as são interligados/as pelos laços afetivos e o ideal de vida e carisma de cada instituto. De igual maneira dentro das comunidades religiosas apresentam-se situações de relacionamentos disfuncionais pelos motivos mais diversos, e é exatamente aí onde a terapia familiar sistêmica poderá ter sua aplicabilidade: abordar toda a comunidade como sujeito da terapia, encontrar a raiz





da questão que gera os relacionamentos disfuncionais e trabalhar todo o grupo envolvido na questão. O problema muda de foco: de uma só pessoa (“a ovelha negra”) passa a ser da comunidade de irmãos/ãs, que juntos/as encontraram a solução da situação em questão.

Então, a ideia de família como sistema implica conceber a mudança dentro dela mesma. Cada grupo familiar vai-se transformando ao longo do tempo de vida em três aspectos fundamentais: estrutural, interacional e funcional. A mudança é, portanto, um conceito fundamental para se perceber uma família/comunidade desde a perspectiva sistêmica. Como estão em constante processo de evolução, que implica diretamente novos ajustes na sua estrutura, implica também que a mudança em uma das partes afetará o todo.

Assim sendo, o sujeito da terapia sistêmica é todo o grupo, e não somente uma pessoa separadamente.

Intervenções

Optar por uma intervenção sistêmica leva a que a família, e em nosso caso compreendida como a comunidade de VRC, deve ser entendida e analisada como um todo, e se um membro tem um determinado problema, toda a comunidade contribui para a sua manutenção ou resolução.

A abordagem é a partir do indivíduo para chegar à família. Assim terá de ser adotado um modelo conceitual que nos leva do mundo interior, dos processos intrapsíquicos, para um mundo de comportamentos interativos, observados no seu contexto temporal e espacial.

A família passa a ser compreendida como um ser vivo em busca de “homeostase⁴”; quando uma pessoa chega à consulta com algum problema, este se encontra em toda a família à qual ela pertence (processo de equilíbrio).

A família e o terapeuta passam a formar o sistema terapêutico; vai-se desenrolando através da realização de diversas entrevistas com os elementos da família. “O terapeuta deve buscar junto à família uma esfera de acolhida, cooperação e confiança, além de confiabilidade” (ANDOLFI, 1995).

É importante que o terapeuta sistêmico entenda sobre VRC para poder acompanhar esta estrutura de família em questão. Ele deve ser livre de pré-juízos sobre a comunidade religiosa, estar atento para não se deixar influenciar por paradigmas do passado no que tange à

4 É a propriedade de um sistema aberto, em seres humanos especialmente, que têm a função de regular o seu ambiente interno para manter uma condição estável, mediante múltiplos ajustes de equilíbrio dinâmico controlados por mecanismos de regulação inter-relacionados. (WIKIPÉDIA)





VRC, evitando assim julgamentos, e desta maneira conseguirá entrar na vida dos/as consagrados/as com respeito e lograr a confiabilidade necessária para o bom andamento da terapia.

Desde o primeiro momento, é preciso criar o clima de socialização; para isso as apresentações mútuas, criar um ambiente não ameaçador para os participantes, conhecê-los melhor e ajudar a ficarem mais à vontade; e, acima de tudo, que se sintam livres, disponíveis e responsáveis pelo processo que se iniciará.

Machado dá seis requisitos importantes que devem ser levados em consideração pelo terapeuta.

1. Descrever e explicar a estrutura familiar, a sua dinâmica, processo e mudança.
2. Descrever as estruturas interpessoais e as dinâmicas emocionais dentro da família.
3. Ter em conta a família como ligação entre o individual e a cultura.
4. Descrever o processo de individuação e a diferenciação dos membros da família.
5. Prever a saúde e a patologia dentro da família, isto é, ter um conjunto de hipóteses acerca do funcionamento familiar e das causas da disfunção.
6. Prescrever estratégias terapêuticas para lidar com a disfunção familiar.

Machado destaca ainda que o papel do terapeuta relacional em um primeiro momento é o de CONSULTOR dos problemas (ESCU-TA), e depois o de SUPERVISOR (NOVA ESCUTA) dos esforços desenvolvidos no decorrer da terapia.

Ainda que o conceito primordial na terapia sistêmica seja a ideia de mudança, o objetivo da terapia sistêmica não é apenas mudar, mas fundamentalmente aprender a mudar; o terapeuta torna-se então um agente ativador da mudança. Entre os/as religiosos/as consagrados/as muitas vezes pode acontecer o desentendimento entre dois/duas irmãos/as pela falta do diálogo, o fechamento e ruptura de conversa. É muito comum escutar o desejo de querer mudar, mas, no entanto, não saber como. O papel do terapeuta então será o de possibilitar essa descoberta, motivar para que cada qual encontre os passos necessários que propiciarão um caminho seguro de mudança pessoal e comunitária.





Conclusão

O trabalho buscou trazer à discussão os relacionamentos interpessoais na VRC à luz da abordagem sistêmica, o novo paradigma da ciência que vem sendo utilizado com excelentes resultados na terapia familiar.

A comunidade religiosa também é um grupo de pessoas que formam uma família e vivem seus mesmos processos de transformação; ela é dinâmica e seus componentes são todos ativos, participam efetivamente para seu funcionamento. Exige do grupo abertura para os processos de mudanças que precisam acontecer a toda adaptação ou readaptação, inerentes à vida em comum.

Na abordagem sistêmica, por ser um processo circular, a pessoa em seu contexto é levada em consideração; toda sua vida é tida em conta no processo de avaliação de uma terapia eficaz. A premissa é que o problema não está somente na pessoa, mas também em sua família, e no caso da VRC, na comunidade a que ela pertence. Avaliar os processos internos à luz da perspectiva sistêmica será sem dúvida uma excelente ajuda no diálogo e na edificação de um projeto comum, onde todos são respeitados em sua individualidade, com o propósito de colocar os dons e talentos de todos a serviço da missão.

Nesse método de terapia, não existem “culpados”, somos todos “redimidos” de culpa, pois somos mais do que nos fez nossa história pessoal; vale-se pelo que se é e não pelo que se faz. É o sagrado direito de SER, em uma civilização cada dia mais marcada pela negligência da dignidade humana.

Os conflitos são parte da existência humana, é impossível pensar o relacionamento humano sem os inevitáveis choques de personalidade; mas os valores Daquele que une os irmãos e irmãs em comunidade é capaz de superar tudo. É o amor capaz de levar o peso do/a irmão/ã ferido/a e necessitado/a de ajuda.

A superação depende do grau de amadurecimento da própria identidade do/a religioso/a e do seu amadurecimento humano e espiritual. A perspectiva sistêmica não olha apenas um lado da pessoa, leva em consideração todo o seu contexto; a pessoa e os relacionamentos são um sistema, que funciona a partir de subsistemas; é possível então reorganizá-los.

Não existem pessoas que são aptas ou não para a vivência da vida comunitária; todos os seres humanos são, desde a origem, chamados a viver em grupo, a formar relações com o outro, e negar este sagrado direito é





ir contra todo o ensinamento da fé cristã. A rica antropologia cristã, infelizmente ainda tão pouco estudada e explorada, concebe o ser humano como participante do plano divino, entende-o sendo capaz de Deus, e por isso capaz de transformar-se à base da Graça que o acompanha no decorrer da vida. Portanto, é imprescindível ao/à consagrado/a levar uma séria vida no espírito, com acompanhamento espiritual e com pessoas competentes que ajudem no processo do amadurecimento humano.

A escuta é um serviço primordial para o crescimento da comunidade, o terapeuta familiar sistêmico está apto para acompanhar as comunidades religiosas de VRC, ele poderá entender os sistemas e subsistemas e oferecer os recursos necessários para que a comunidade encontre respostas e caminhos corretos para o retorno à sua funcionalidade e serviço.

Quando a Igreja celebrou o ano da Vida Religiosa Consagrada, o papa Francisco nos brindou com um rico documento denominado: ALEGRAI-VOS.

O título do livro já indica por onde a Igreja universal gostaria que caminhassem as comunidades de consagrados/as. Comunidades que sejam capazes de acolher o irmão e a irmã, a viver relações de amizade e de fraternidade, construídos sobre os alicerces de uma vida autenticamente humana e cristã.

É preciso retomar as antigas práticas de *ascese* que nos indicam os pais e mães do deserto; uma metodologia que busque acolher o irmão/irmã em sua integridade. Sem dúvida, este sim seria um sacrifício que agrada aos olhos de Deus e de uma humanidade que espera da VRC estes sinais.

As comunidades de religiosos e religiosas, como sinal e presença do Reino, dedicam todos os esforços para que o grande presente do reinado de Deus aconteça no meio de nós. Ele começa em casa, com os/as que estão ao lado, e às vezes não é preciso atravessar quilômetros para chegar à Missão, basta cruzar uma porta.

Este trabalho quis, por amor à VRC, ser uma indicação de que a vida fraterna em comunidade é possível, que novas relações são possíveis e que o amor continua sendo digno de toda nossa Fé.

*Missão é partir, deixar tudo, sair de si,
quebrar a crosta do egoísmo que nos fecha no nosso eu.
É parar de dar volta ao redor de nós mesmos como se fôssemos
o centro do mundo e da vida.*





É não se deixar bloquear nos problemas do pequeno mundo a que pertencemos: a humanidade é maior.

Missão é sempre partir, mas não devorar quilômetros.

É sobretudo abrir-se aos outros como irmãos, descobri-los e encontrá-los.

E se, para descobri-los e amá-los, é preciso atravessar os mares

e voar lá nos céus, então missão é partir até os confins do mundo.

Dom Helder Câmara

Pistas para reflexão:

1. Como nossa comunidade entende que o SER é mais importante que o FAZER?
2. A nossa Congregação é um espaço de acolhida do novo? Como os jovens se sentem ao virem morar conosco?
3. Como uma mediação poderá melhorar o nível de diálogo na vida fraterna? Estamos abertos/as a esse diálogo profundo do nosso SER? Falar de nós mesmos/as?

REFERÊNCIAS

CABARRÚS, Carlos. A dança dos íntimos desejos. São Paulo: Loyola, 2007.

CASTILLO, José. O futuro da vida religiosa – das origens à crise atual. São Paulo: Paulus, 2008.

COLOMBERO, Giuseppe; vida religiosa, da convivência à fraternidade. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2007.

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. Permanece conosco! Brasília: CRB, 2012.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DEVIDA CONSGRADA E AS COIEDADES DEVIDA APOSTÓLICA. Alegriaivos. Carta circular aos consagrados e às consagradas, do magistério do papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2014.

MACHADO, Mónica. Compreender a terapia familiar. Portugal: www.psicologia.pt, 2012.

OLIVEIRA, José; Viver em comunidade para a missão. São Paulo: Paulus, 2013.





80

RAMOS, Juscelm. Introdução a teoria geral dos sistemas e cibernética.
Manaus: Faculdade Salesiana Dom Bosco, 2013.

VASCONCELOS, Maria. O pensamento sistêmico - o novo paradigma
da ciência. 9.ed. Campinas: Papirus, 2012.